

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

NATASHA SUELEN RAMOS DE SABOREDO

**ALUÍSIO AZEVEDO E ANTON TCHEKHOV: A TRAJETÓRIA TRABALHISTA
INVERSA DE JOÃO ROMÃO (*O CORTIÇO*) E MISSAIL PÓLOZNEV (*MINHA
VIDA*)**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2013

NATASHA SUELEN RAMOS DE SABOREDO

**ALUÍSIO AZEVEDO E ANTON TCHEKHOV: A TRAJETÓRIA TRABALHISTA
INVERSA DE JOÃO ROMÃO (*O CORTIÇO*) E MISSAIL PÓLOZNEV (*MINHA
VIDA*)**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Departamento de Comunicação e Expressão (DACEX) e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas (DALEM) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dra. Angela Maria Rubel Fanini.

**CURTIBA
2013**



TERMO DE APROVAÇÃO

**ALUÍSIO AZEVEDO E ANTON TCHEKHOV: A TRAJETÓRIA TRABALHISTA
INVERSA DE JOÃO ROMÃO (*O CORTIÇO*) E MISSAIL PÓLOZNEV (*MINHA VIDA*)**

por

NATASHA SUELEN RAMOS DE SABOREDO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 30 de abril de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

(Angela Maria Rubel Fanini)
Prof^a Orientadora

(Naira de Almeida Nascimento)
Membro titular

(Marcia Regina Becker)
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Acima de tudo, dedico este trabalho aos meus pais, Angela Saboredo e Antonio Saboredo, e aos meus avós, Marta Ramos e Celso Ramos (*in memoriam*), por todo o amor, incentivo e por tornarem possível a minha graduação.

À professora Angela Fanini, por ter me guiado em toda essa trajetória, e à professora Regina Helena Urias Cabreira, por todo o apoio dado do primeiro ao último dia do curso.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha orientadora, a Prof^a. Dra. Angela Maria Rubel Fanini, por ter me convidado a participar dessa linha de pesquisa e por ter me guiado com tanta maestria, desde a iniciação científica até a conclusão desse trabalho. É graças a essa orientação que foi possível realizar esse trabalho.

Às professoras da banca, Marcia Becker e Naira de Almeida Nascimento, e à professora de TCC1 e TCC2, Andréia de Fátima Rutiquewiski Gomes, por avaliarem e contribuírem significativamente com o resultado final desse trabalho.

À Izabel Siqueira Krueger, por ter me convencido, no segundo período, a não mudar de curso.

À Prof^a Dra. Regina Helena Urias Cabreira, por ter me apoiado em todo o período da graduação.

Ao meu grande amigo Thiago A. Govatski, que me apresentou o autor Tchekhov (além de tantos outros) no começo do curso e me presenteou com a obra *Minha Vida*, analisada nesse trabalho.

Aos grandes amigos que fiz nesse curso, pelos anos de convivência, companheirismo e por tornarem a rotina estabelecida nesses anos tão agradável e divertida. Não estaríamos aqui hoje se não fosse nossa união e apoio mútuo nos momentos mais difíceis do curso, principalmente nessa etapa de conclusão. É uma imensa alegria concluir esse curso e receber um diploma envolto nos mais belos laços de amizade que alguém pode possuir.

E deixo por último o agradecimento aos meus familiares, Celso Ramos (*in memoriam*), Marta Ramos, Antonio Saboredo, Angela Saboredo, Marciana P. da Silva (*in memoriam*), Ivana Goreri, Boris e Nikolai; não por serem menos importantes, mas sim por eu não saber como registrar, em palavras, o meu eterno agradecimento por cada um. Só posso dizer que sinto um imenso orgulho, pois é uma alegria inigualável possuir essa família que é uma em um bilhão.

A escravidão não é senão a utilização por alguns do trabalho obrigatório de muitos. E por isso, para que não haja escravidão, é preciso que os homens não queiram utilizar o trabalho obrigatório de outrem, que o considerem um pecado ou uma vergonha. E no entanto, mudam de repente a forma exterior da escravidão, arranjam as coisas de tal modo que não se possa mais passar escritura de posse de escravos, e então imaginam e convencem a si mesmos de que a escravidão não existe mais, e não veem e não querem ver que ela continua a existir, porque os homens gostam e consideram bom e justo utilizar o trabalho alheio. E visto que eles logo o consideram bom, sempre se encontra gente mais forte e mais esperta que os demais, e que sabe fazê-lo.

(TOLSTÓI, Lev, 2010)

RESUMO

SABOREDO, Natasha. Aluísio Azevedo e Anton Tchekhov: A trajetória trabalhista inversa de João Romão (*O Cortiço*) e Missail Póloznev (*Minha Vida*). 2012. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

O seguinte trabalho está inserido na área de Literatura e tem por objetivo explorar a questão do trabalho braçal nas obras *O Cortiço* (1997), de Aluísio Azevedo, e *Minha Vida* (2011), de Anton P. Tchekhov, por meio da trajetória trabalhista inversa dos protagonistas João Romão e Missail Póloznev. Para contextualizar as convergências sociais do Brasil e da Rússia no século XIX, são usados os textos de Shur (1986), Filho (2003) e Fausto (2006). No que diz respeito à análise do trabalho braçal retratado nas duas obras, são utilizadas as obras de Engels (1999) e Marx (1996), a fim de se explicar como essa imagem degradante do trabalho físico presente em ambas as obras se construiu. Essa degradação está relacionada com o trabalho escravo e servil, além da crença de que o trabalho braçal não exige esforço mental. O enaltecimento do intelecto, como apontam os resultados, também contribui para a marginalização do trabalho físico e a sua regressão para a condição animal. Sendo assim, o trabalho deixa de ser visto como humanizador para se tornar mercadoria.

Palavras-chave: Universo do Trabalho; Trabalho Braçal; Século XIX; Literatura Russa; Anton Tchekhov; Literatura Brasileira; Aluísio Azevedo.

ABSTRACT

SABOREDO, Natasha. Aluísio Azevedo and Anton Chekhov: The labor reverse trajectory of João Romão (*The Slum*) and Missail Póloznev (*My Life*). 2012. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

This research is inserted in the Literature area and its purpose is to explore the manual labor in the novels *The Slum* (1997), by Aluísio Azevedo, and *My Life* (2011), by Anton Chekhov, through the labor reverse trajectory of the main characters João Romão and Missail Póloznev. The authors used to contextualize the social convergences between Brazil and Russia (in the 19th century) are Shur (1986), Filho (2003) and Fausto (2006). On the other hand, the works of Engels (1999) and Marx (1996) are used to explain the construction process of this degrading picture of manual labor, depicted in both novels. This degradation is related to servile and slave labor, as well as the belief that manual labor does not require mental effort (and there is an aggrandizement of the intellect in society), making the human being regress to the animal condition. As shown by the results of this research, the work is no longer seen as humanizing to become merchandise.

Key-words: Labor universe; Manual labor; XIX century; Russian Literature; Anton Chekhov; Brazilian Literature; Aluísio Azevedo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 AS SOCIEDADES RUSSA E BRASILEIRA NO SÉCULO XIX.....	14
1.1 TCHEKHOV E A RÚSSIA IMPERIAL.....	16
1.2 ALUÍSIO AZEVEDO E O BRASIL MONÁRQUICO.....	24
2 A IMAGEM DEGRADANTE DO TRABALHO FÍSICO.....	31
2.1 ROMÃO E PÓLOZNEV: A TRAJETÓRIA TRABALHISTA INVERSA.....	33
2.2 O TRABALHO FÍSICO E O PENSAMENTO REFLEXIVO.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
APÊNDICE.....	57

INTRODUÇÃO

“O cão sonha com pão;
o pescador, com peixe.”

Teócrito, *Idílio*

A literatura, como afirma Antonio Candido (1972; 1995), é peça fundamental na construção da visão de mundo e personalidade de cada indivíduo. Para a construção de sua obra, segundo Candido (1981), o escritor mescla fantasia e realidade, resultando, assim, em um texto que soma fatores externos à individualidade do autor. Além disso, Candido (1985) explana que a essência da crítica literária está no estudo dos fatores literários e não-literários, propondo em seus textos uma crítica literária sob o viés das ciências sociais. A leitura aqui proposta é de cunho social, voltada às representações literárias do universo do trabalho.

Na concepção de Marx (1996), o trabalho é um processo em que atuam, igualmente, homem e natureza; é uma condição natural da existência humana. Ainda assim, o homem tenta apropriar-se das produções naturais para, assim, ajustá-las às suas próprias necessidades; o homem atua modificando o exterior (a natureza). E é nesse processo de transformação que ele modifica não apenas a natureza, mas a si mesmo. O que difere, no ideário marxista, o homem do animal é o fato de o primeiro pensar em uma finalidade e utilidade para o que fará antes de construir algo; ele precisa, antes, projetar tudo em sua mente. O trabalhador aplica suas capacidades físicas e mentais no que irá executar, para a sua atividade laboral estar de acordo com a finalidade. Sendo o trabalho, nessa concepção, uma expressão das faculdades físicas e mentais do homem, o que ocorre quando o trabalho é alienante e desprovido de significado? O trabalhador perde a sua identidade; o homem perde a sua essência.

Já para Engels (1999), o trabalho foi o fator que desencadeou o desenvolvimento da espécie humana. Com o uso da mão como ferramenta, iniciou-se o processo de criação de objetos e novas ferramentas que, ao longo dos séculos, proporcionaram uma evolução que vai desde a pesca e a caça até as ciências e as artes. Dessa maneira, observando-o como a base do ser humano, o trabalho permite ao homem possuir uma identidade - é o que o diferencia dos demais animais. É a partir do uso da mão que o homem aperfeiçoa e adapta-se a novas funções, além de adequar-se gradativamente a funções mais complexas. Todo esse desenvolvimento que distancia, segundo o autor, o homem do macaco, define-se de maneira categórica quando surge o que ele chama de *homem acabado*, ou seja, a sociedade. Envolto agora por um contexto social, o homem passa, em diversas sociedades, a nutrir uma imagem negativa dos trabalhos estritamente físicos, principalmente em sociedades escravocratas. Com

a constituição dessa imagem subalterna do trabalho físico, é construída uma considerável lacuna entre as classes sociais. A partir do século XVIII, além da escravidão presente nas colônias americanas, também surge a indústria e, com ela, uma burguesia para explorar o trabalho proletário para o acúmulo do capital. A partir disso, surge o trabalho mecânico e repetitivo, iniciando-se a era da perda da identidade do trabalhador – algo abordado também na obra de Marx (1996).

Relacionado a essa perspectiva, tem-se o obscurecimento do trabalho físico pelo trabalho intelectual, devido ao enaltecimento do pensamento científico e tecnológico - além do surgimento das indústrias. Tal valor atribuído ao intelecto está relacionado às possibilidades de o homem se desenvolver e cada vez mais conseguir subjugar coisas ao seu poder – algo que podemos encontrar tanto na obra de Engels (1999) quanto na de Heidegger (2000), que será exposta a seguir.

Nos ensaios *A questão da técnica* (1997a), *Ciência e pensamento do sentido* (1997b) e *Serenidade* (2000), o filósofo alemão Martin Heidegger explora a concepção do pensamento que calcula e do pensamento que reflete, ligados às formas de o homem subjugar tudo ao seu poder. Nesse caso, o autor explana que a técnica se apóia nas ciências exatas da natureza, formulando assim um pensamento mais calculista cujo objetivo é subjugar todos os recursos ao seu poder. Segundo Heidegger, a ciência é a teoria do real, ou seja, o real se torna uma variedade de objetos para servir às pesquisas científicas. Em *Serenidade* (2000), Heidegger expõe o conceito de pobreza-de-pensamentos, apontando para o fato de o ser humano estar renunciando, inconscientemente, à capacidade de pensar. É a partir desse conceito que ele introduz os termos pensamento que calcula e pensamento que reflete. O pensamento que calcula, como já exposto, é algo que permite ao homem subjugar tudo ao seu poder, pois tenta classificar e mecanizar todo tipo de conhecimento. Entretanto, esse pensamento, desvinculado da reflexão, faz com que o homem seja subjugado pela técnica e pela ciência, visto que ele está cego para os resultados e não reflete se são ou não prejudiciais, afinal, tudo é visto como progresso e benefício, mas não é, de fato, avaliado, questionado e refletido. Para complementar esses conceitos, no levantamento feito por Ricardo Cocco (2006), intitulado *A questão da técnica em Martin Heidegger*, há um apanhado geral da obra heideggeriana. Nesse sentido, torna-se necessário definir o conceito heideggeriano de metafísica: é algo ontológico que está ligado à essência e ao sentido do ser. Além do ser, Heidegger apresenta também o ente, algo que se encontra no horizonte do ser e que é apreendido por ele. É por meio da aparição dos entes que, perante a ciência e a técnica moderna, o ser se torna objetivo e

calculista. Quando esse ser se reduz apenas à ocupação técnica, ele desaparece e restam apenas os entes; a vontade cega de subjugar e dominar tudo impede a reflexão e a verdadeira manifestação do ser.

Nesse caso, como suporte do pensamento reflexivo, há as artes, que recebem apreciação como uma maneira de abrir a mente do homem e lapidar seu intelecto, também restringindo o trabalho intelectual às elites. Sendo o trabalho braçal visto como algo desvinculado dessas características e, portanto, relacionado à ignorância, ele é desvalorizado e acaba sendo executado essencialmente pelas classes mais baixas.

A partir dessas questões, o presente trabalho pretende explorar nas obras *O Cortiço* (1997), de Aluísio Azevedo¹, e *Minha Vida* (2011), de Anton P. Tchekhov², essa imagem formada pela sociedade acerca do trabalho físico³, tanto na Rússia quanto no Brasil do século XIX – visto que o trabalho braçal era destinado, nessa época, basicamente aos servos e escravos. Para isso, serão utilizadas como embasamento principal as concepções sobre trabalho de Marx (1996) e Engels (1999). A figura do trabalhador será analisada por meio dos protagonistas João Romão e Missail Póloznev, apontando como se construiu essa desvalorização do trabalho braçal e permitindo uma reflexão acerca das consequências de tal pensamento para a sociedade contemporânea.

A análise aqui proposta, além de ser inédita, também permite outro viés interpretativo para ser levado às salas de aula, em Literatura, a fim de proporcionar ao aluno uma reflexão sobre o tema, sendo possível um trabalho interdisciplinar com História. Além disso, compreender, por meio da literatura, como foi se formando, aos poucos, uma imagem de desprezo em relação aos trabalhos de caráter físico, auxilia no entendimento das razões que ainda fazem tais serviços serem considerados estigmatizados no nosso país. No que diz respeito ao uso da literatura russa, cuja visão do trabalho braçal, no século XIX, era relativamente convergente com a visão brasileira, há uma reflexão, por meio do protagonista, sobre o que há de indigno em um trabalho honesto, trazendo à tona uma questão pertinente a todas as épocas acerca dos valores atribuídos aos diferentes tipos de trabalho e à remuneração

¹ A biografia do autor se encontra no apêndice.

² A biografia do autor se encontra no apêndice.

³ Essa pesquisa vem sendo realizada – financiada pela Fundação Araucária - no grupo de pesquisa intitulado *Discursos Luso-brasileiros sobre Tecnologia, Trabalho e Identidades Nacionais*, dentro da linha de pesquisa *Representação discursiva do universo da tecnologia e do trabalho em textos literários*, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Curitiba, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Angela Maria Rubel Fanini. Sob essa perspectiva, realizamos dois trabalhos: um analisando a obra *O Alienista*, de Machado de Assis, e outro - realizado juntamente com a graduanda Suellen Thalyta Breda – sobre o conto *A mão esquerda*, de Roniwalter Jatobá. O projeto foi analisado e recebeu parecer favorável da banca, visto a pertinência do estudo aqui proposto, principalmente devido à escassez de trabalhos na área.

destinada a cada um. Para tanto, faz-se necessário verificar os valores sociais e os preconceitos vinculados ao trabalho físico tanto no Brasil quanto na Rússia do século XIX.

O trabalho foi dividido em dois capítulos, cada um possuindo dois subcapítulos. O primeiro capítulo, intitulado *As sociedades russa e brasileira do século XIX*, aborda o contexto histórico no qual as obras estão inseridas, voltando-se principalmente para a construção da imagem degradante do trabalho braçal. Antes de introduzir os subcapítulos *Tchekhov e a Rússia Imperial* e *Aluísio Azevedo e o Brasil Monárquico*, é tecida uma justificativa, por meio de Candido (1981; 1985), a fim de justificar a análise sob um viés sociológico. No subcapítulo da Rússia Imperial, também estão inseridas as relações literárias e culturais entre Brasil e Rússia, embasadas pelo texto de Shur (1986). Já o segundo capítulo, intitulado *A imagem degradante do trabalho físico*, destina-se à análise das obras, iniciando-se por uma explicação teórica da imagem degradante do trabalho físico. O subcapítulo *Romão e Póloznev: a trajetória trabalhista inversa* destina-se à análise proposta já no título do trabalho, que é explorar como se dá a trajetória trabalhista (e quais suas conseqüências sociais) de cada um dos protagonistas por meio de uma análise comparativa. Já o segundo subcapítulo, *O trabalho físico e o pensamento reflexivo*, propõe explorar a reflexão acerca do trabalho físico, de o porquê ele ser visto como degradante e como se pode resgatar sua função humanizadora. Por fim, nas *Considerações finais*, há os resultados aos quais chegamos por meio dessa análise comparativa acerca do trabalho braçal.

1 AS SOCIEDADES RUSSA E BRASILEIRA NO SÉCULO XIX

“homem senhor
homem servo

homem sobre
homem sob”

Haroldo de Campos, *Poema*

Para se iniciar a análise das obras em questão, faz-se necessário, primeiramente, esclarecer como eram o Brasil e a Rússia no século XIX, pois, como explana Candido em sua obra *Formação da Literatura Brasileira* (1981), a literatura é a realidade mesclada com elementos fantasiosos resultantes do imaginário do escritor. Entretanto, quando se traz essa afirmação para o início da formação da literatura brasileira, a sensação de dever, por parte do escritor, em ser fiel à realidade, prejudicou essa mescla entre realidade e fantasia, como afirma o autor. Ainda assim, esse fator de extremo realismo garantiu a formação de uma consciência estética, algo surpreendente para um país literariamente atrasado. Além disso, esse caráter meio jornalístico e fiel à história atribuiu um excepcional poder comunicativo às obras. Candido (1981) ainda enfatiza que “a literatura é um conjunto de obras, não de fatores nem de autores” (CANDIDO, 1981, p. 35), pois o texto é o resultado de fatores externos somados à individualidade do autor. Portanto, são necessários tanto os fatores literários quanto os não-literários para se estudar uma obra, pois são a essência da crítica.

Para complementar essa idéia, na obra *Literatura e Sociedade* (1985), também de Candido, há uma análise acerca da própria crítica literária e de como se dá a inserção das ciências sociais nela. Primeiramente, existia uma crítica cujos objetos eram o valor e o significado da obra em relação à realidade; depois surgiu uma idéia oposta, fundamentada nas operações formais da obra. A partir dessas e demais divergências, Candido (1985) tenta conduzir seu estudo sob um viés sociológico.

Iniciando-se pela crítica embasada na formação da estrutura da obra, o autor explora dois conceitos: o *externo* e o *interno*. Os fatores sociais são uma parte *externa* - causa e significado – porém também são uma parte *interna*; “O externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno” (CANDIDO, 1985, p. 14). Por exemplo, uma obra possui por detrás uma vasta pesquisa histórica, social, de classes, costumes e demais fatores que determinarão seu ambiente e constituirão, de forma externa, os

valores desse contexto. Ainda assim, muitos estudiosos contemporâneos vêm pesquisando os fatores sociais e psíquicos através de um prisma mais abrangente, em que ambos deixam de ser apenas componentes da estrutura para se tornarem parte dos fatores estéticos. No exemplo citado por Candido (1985) da obra *Senhora*, de José de Alencar, ele mostra o nível social de forma *externa* (estudos históricos, sociedade da época, costumes, ambiente e etc.), porém mostra a profundidade da análise quando a crítica se volta de forma *interna* (o conflito que envolve o enredo; os comportamentos das personagens, desumanização capitalista; o marido que se vende e a esposa vingativa que o esmaga por meio do seu capital adquirido). Os fatores sociais somados aos psicológicos atribuem algo muito além da matéria exposta no nível externo; sua estrutura interna contribui com a relação entre a obra e a realidade da época. Assim, a sociologia deixa de ser periférica e transforma a dimensão social em um fator artístico, que Candido (1985) explana da seguinte maneira:

Quando fazemos uma análise desse tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Nesse caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isso se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, lingüísticos e outros. Nesse nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (CANDIDO, 1985, p. 7).

O autor ainda expõe algumas modalidades dos estudos sociológicos em literatura, sendo um deles o mais comum e simples, cuja função é a conexão entre os fatores reais e os presentes no livro – mais inclinados à sociologia elementar do que à crítica literária. Nesse caso, para se ter algo mais aprofundado, precisa-se desenvolver essas dimensões sociais em outro nível: o das relações sociais. A obra adquire, dessa forma, uma validade científica mais consistente, cujo *externo* serve de embasamento para o *interno*.

Dada e explanada a importância da exploração dos contextos histórico e sociológico para embasar as duas obras, partiremos de um breve resumo das relações literárias russo-brasileiras e, posteriormente, para as questões históricas do século XIX, tanto do Brasil quanto da Rússia, tecendo um paralelo entre os dois países.

1.1 TCHEKHOV E A RÚSSIA IMPERIAL

As relações literárias russo-brasileiras têm início no século XVIII, quando foram organizadas traduções de autores brasileiros para o russo. Além disso, alguns viajantes russos que vieram ao Brasil levaram à Rússia informações sobre a escravidão e as revoluções libertárias que estavam se formando no Brasil no século XVIII. Essas revoluções foram uma das fontes de inspiração, no século XIX, do pensamento rebelde da juventude russa, como confirma Shur (1986)⁴ ao comentar uma publicação de N. I. Nadéjdin⁵, na primeira edição da revista *Telescópio*⁶:

É válido supor que a nota sobre a instrução no Brasil atraiu o interesse da revista, uma vez que nela se frisava a idéia de que a conquista da liberdade e da independência favoreciam o processo de desenvolvimento da arte e da literatura. A questão do desenvolvimento cultural no Brasil, país atrasado, que há pouco se tornara independente, podia interessar à revista, também por analogia (de certa forma) com as condições de desenvolvimento da instrução na Rússia. É possível que o artigo tenha sido selecionado e traduzido por V. G. Belínski que participava ativamente da revista, no período de 1833 a 1836. (SHUR, 1986, p. 58)

Além dessa questão, os vanguardistas russos, a fim de enganar a censura, escreveram críticas à escravidão na América Latina, quando estavam, na verdade, atacando o regime servil russo: “Os escritores, membros da Sociedade Livre⁷, continuavam essas tradições e aproveitavam o tema da escravidão dos negros na América para desmascarar a realidade servil russa.” (SHUR, 1986, p.20). Esses mesmos escritores da Sociedade Livre enalteciam a imagem do negro, que foi retratada como um exemplo de bondade, coragem e nobreza. Por exemplo, na novela *O Negro ou a Liberdade Reconquistada*⁸, de A. V. Lotzmánov, o tema da escravidão foi eleito pelo autor devido à proximidade que ele considerava existir entre a escravidão e a servidão. Além dessa novela, foram escritos poemas, notícias e muitos outros textos trazendo esse tema, ou seja, “o escravo não desaparecia nem da literatura, nem do jornalismo, alimentando-se com as raízes da realidade russa, com o ódio da vanguarda para com o poder servil” (SHUR, 1986, p.21). Além disso, a Literatura Brasileira, na Rússia, era

⁴ Especialista russo em relações culturais entre a Rússia e a América Latina nos séculos XVIII e XIX. Dedicou-se, principalmente, ao estudo da recorrência de temas brasileiros tanto na imprensa quanto na literatura russa da época.

⁵ Redator da revista *Telescópio* por volta da década de 30 do século XIX.

⁶ Não há informações dessa revista além do que aparece na obra de Shur (1986).

⁷ Sociedade Livre dos Amantes das Letras, das Ciências e das Artes. Foi fundada em 1801, em Petersburgo.

⁸ Nessa obra, o intuito do autor foi transformar a história em uma espécie de apoteose da liberdade; o desfecho é o herói que conquista a liberdade para o seu povo. Não há mais informações dessa obra além do que aparece na obra de Shur (1986).

apresentada como uma literatura nacional e independente, sem ligações com a Literatura Portuguesa.

Explanada essa questão das relações literárias russo-brasileiras, partiremos para a parte exclusivamente histórica. No século XIX, tanto o Brasil quanto a Rússia apenas iniciavam o seu processo de industrialização – eram países essencialmente agrários. Com a descentralização da produção industrial inglesa nessa época, a qual começou a assumir proporções mundiais, começou-se também a valorização da ciência e da tecnologia. O pensamento passa a ser enaltecido e, juntamente com ele, as profissões de carácter intelectual, científico e/ou tecnológico. No caso da Rússia czarista dessa época, tais profissões pertenciam às elites, como é caracterizado por Tchekhov na obra *Minha Vida* (2011), por meio das profissões de médico, engenheiro, arquiteto e também diversas profissões burocráticas. O intelecto passa a trazer prestígio e a ser transmitido por intermédio das artes, tendo como referencial a França - tanto no Brasil quanto na Rússia.

No Brasil, as elites agrária e urbana passam a se instruir com o surgimento dos romances folhetinescos, além de jornais, livros e a formação profissional local (fundação das faculdades de Medicina e Direito), além de tantas outras instituições que foram fundadas no século XIX. Da mesma forma que a Rússia, as profissões de engenheiro, advogado e médico são de acesso exclusivo das classes mais altas e também são consideradas profissões de prestígio. A partir disso, no século XIX, há países agrários que começam a adentrar o processo de industrialização, entre eles Brasil e Rússia, e também há a apreciação pelas novas ideias que circulam o mundo por meio das artes e da ciência. Outra semelhança entre esses países é em relação ao trabalho braçal, realizado, como já mencionado, no Brasil pelos escravos e na Rússia pelos servos, como coloca Shur (1986, p.19):

No início do século XIX, o tema “latino-americano”, que incluía o “brasileiro”, recebe grande reflexo nas obras escritas pelos membros da Sociedade Livre dos Amantes das Letras, das Ciências e das Artes, que se fundara em Petersburgo, em 1801, e se transformara no centro de difusão de idéias Radíchtchev. As inclinações dos escritores da vanguarda, membros da Sociedade Livre, contrários à servidão, explicam-nos seus elevados interesses para com a luta libertadora dos países escravagistas, inclusive nas colônias portuguesas da América que se associavam, na consciência dos leitores russos, com a realidade servil.

Assim como a figura do escravo brasileiro, a do *mujik* também foi estigmatizada. Para explicar melhor essa questão, aprofundaremos a explicação do contexto socio-econômico da Rússia imperial no século XIX, a fim de tornar mais claro o cenário no qual a obra de Tchekhov foi desenvolvida.

Nessa época, o trabalho braçal era realizado essencialmente pelos *mujiks*⁹, visto que a sociedade russa, no final do século XIX, era predominantemente agrária (cerca de 85% da população vivia no meio rural). Para ilustrar melhor essa questão, Filho¹⁰ (2003) expõe em sua obra uma pirâmide da sociedade rural russa da época, composta pelos *pomeschtchiki* e *mujiks*. Os *pomeschtchiki* eram grandes proprietários de terras de vínculo nobre (devido à força política e prestígio social) que formavam a base social da autocracia czarista. No sul e no oeste do país, esses grandes proprietários conduziam grandes produções de açúcar de beterraba para exportação, enfatizando a desigualdade e atribuindo à Rússia o título de *celeiro da Europa*. Já os *mujiks*, segundo o autor, “trabalhavam na terra com os braços e instrumentos rudimentares” (FILHO, 2003, p.20). Eles eram divididos em *biednakis* (cerca de 60% da população rural; eram classificados como pobres), *batraks* (1,5 milhões de trabalhadores assalariados, sem acesso às terras), *seredniakis* (considerados “os medianos”, constituíam 22% da população) e os *kulaks* (menos de 19%). Os *kulaks* controlavam os demais camponeses, devido aos seus empréstimos de sementes e dinheiro. Embora não fossem ricos, gozavam de certo prestígio social e possuíam alguns privilégios básicos, como oferecer instrução básica à família. Apesar disso, viviam em casinhas apertadas, sem muito conforto e sujeitos a doenças e a passar fome:

Em 1890, mais da metade das famílias tinham menos de dois cavalos, em média. Um terço dos *mujiks* dispunha apenas de pequenos lençóis de terra (1 a 2 deciatinas/ 1 deciatina = 1,09 hectare). Em 1905, uma pesquisa oficial mostrou que, nas terras comunais, metade das famílias possuíam menos de oito deciatinas, ou seja, abaixo do limiar considerado mínimo para sobreviver com tranquilidade.

Os *mujiks* trabalhavam em condições muito baixas de produtividade, comparadas com os padrões europeus, registrando-se, apesar de progressos localizados, avanços muito lentos: nos anos 60 do século XIX, por exemplo, cada agricultor produzia, em média, 2,21 *puds* de trigo (1 *pud* = 16,38 kg). (FILHO, 2003, p. 20-21)

As baixas condições de trabalho e produtividade se davam devido às técnicas de produção tradicionais: assolamento trianual, instrumentos rudimentares e pouco eficientes (*sokha*¹¹), escassez de fertilizantes químicos e orgânicos e também de tração animal. Comparada ao resto da Europa, a Rússia era vista como uma sociedade atrasada. Aparecia,

⁹ Nome destinado aos camponeses da Rússia czarista.

¹⁰ Daniel Aarão Reis Filho possui graduação (1975) e mestrado (1976) em História pela Université de Paris VII e doutorado pela Universidade de São Paulo (1987). É o professor titular de História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense. Uma de suas linhas de pesquisa está vinculada aos estudos da Rússia (séculos XIX e XX), incluindo pesquisas relacionando história e a literatura.

¹¹ Arado de madeira.

sim, como potência política, militar, demográfica e econômica, por ter massacrado o exército napoleônico e ser a força que estruturou a Santa Aliança¹², mas seus problemas internos eram bem evidentes. Entre 1815 e 1855, um abismo se estabeleceu entre as potências capitalistas da Europa e a Rússia czarista, visto que o país não conseguiu acompanhar a modernização trazida pelas Revoluções Industriais. Foi então que o czar Nicolau I (1825-1855) se responsabilizou pelo desenvolvimento do país. Apesar de instituir uma sociedade censurada, vigiada e reprimida, ela não era estagnada.

A partir disso, Filho (2003) menciona dois grupos que se formaram na primeira metade do século XIX: a *intelligentsia* e os *eslavófilos*. A *intelligentsia*, formada por nobres e intelectuais, cultuava os modelos culturais ocidentais e foi influenciada pelo pensamento liberal (principalmente o francês). Já os *eslavófilos*, compostos pelos partidários das tradições russas, tinham aversão aos costumes ocidentais. O caminho tecido pelo czar Nicolau I de recusa aos costumes ocidentais cessou com o seu falecimento e com as reformas instituídas pelo seu filho e sucessor, o czar Alexandre II.

A servidão era um dos pontos principais que impedia o crescimento econômico e social russo. Entretanto, o regime de servidão foi criando raízes ao longo dos séculos, fortalecendo-se ao tempo em que, no resto da Europa, esse regime enfraquecia. Unido a isso, crescia também o poder e o prestígio dos nobres, que, subjugando os *mujiqs*, ficaram conhecidos, na tradição russa, como *senhores de almas*. A abolição da servidão foi decretada apenas em 1861, pelo czar Alexandre II. O czar atribuiu terras aos *mujiqs*, mas em pequena quantidade e não gratuitamente¹³. Os preços cobrados dos servos eram exorbitantes, divididos em dezenas de prestações a serem pagas ao Estado (intermediário no pagamento, visto que esse ressarcia os nobres pelas *terras perdidas*).

Além da abolição da servidão, o czar Alexandre II proporcionou reformas - na educação (em todos os níveis), no exército, nas finanças e nos órgãos políticos e jurídicos - que trouxeram o desenvolvimento para a Rússia. Entretanto, apesar do desenvolvimento e da abolição da servidão, os *mujiqs*, mesmo emancipados, permaneceram como cidadãos de segunda classe, o que causou neles a sensação de engano e, por meio da insatisfação, gerou pequenas revoltas que foram reprimidas pelo império - algo que não ocorreu entre os escravos libertos, visto que foram poucas as participações de escravos em revoltas (algo que

¹² Formada por Rússia, Áustria e Prússia, a Santa Aliança tinha como objetivo realizar as medidas aprovadas pelo Congresso de Viena, após as três potências da época terem saído vitoriosas na guerra contra Napoleão.

¹³ No Brasil, embora existissem alguns entusiastas da ideia, como o engenheiro Rebouças, não houve atribuição de terras aos escravos após a abolição - como será explanado na seção destinada à contextualização histórica do Brasil.

será abordado mais adiante, quando for tratada a História do Brasil). Dessa maneira, a reforma passou a ser vista como uma farsa, despertando o espírito revolucionário para combater o império e estabelecer reformas mais profundas. O exilado Alexandre Herzen¹⁴, por exemplo, aliou-se aos *intelligentsias* mais radicais (liderados por N. Tchernichevsky). Mesmo com o exílio de Tchernichevsky em 1861, uma organização revolucionária clandestina, intitulada *Zemlia i Volia*¹⁵, conseguiu reverter a situação dos revoltosos. É nesse momento que a nobreza começa a declinar para jamais se recuperar, exceto os que conseguiram se adaptar aos novos tempos e, com isso, multiplicar suas riquezas.

Alguns jovens vinculados a esse ideário revolucionário, em meados dos anos 70, migraram para o campo a fim de proporcionar uma verdadeira emancipação dos camponeses. Muitos foram presos, sendo delatados, algumas vezes, pelos próprios *mujiiks*. A Rússia foi levada pela disputa entre liberais e conservadores, tendo como resultado a execução do czar Alexandre II por uma nova organização revolucionária, a *Narodnaia Volia*¹⁶. Embora o objetivo fosse desestabilizar a ordem e o poder, a morte do czar emancipador deixou o povo triste e comovido; isso deu forças à ascensão de um novo czar ao poder, Alexandre III, ligado às forças reacionárias (o que intensificou a repressão política).

Quanto à economia, a Rússia começou a ter um grande impacto em seu comércio interno e externo, aumentando a sua produção industrial, no que dizia respeito ao carvão, ao ferro, à metalurgia e ao petróleo. Em 1865, a Rússia dispunha de apenas de 3,8 mil km de estradas de ferro; em 1913, isso aumentou para 70, 2 mil quilômetros. A exportação de cereais foi expressiva o suficiente para permitir a aquisição de máquinas e equipamentos no mercado internacional, além de investimentos europeus, principalmente no setor tecnológico. Isso ajudou a burguesia a se fortalecer nos centros industriais mais antigos:

Formava-se uma articulação de capitais nacionais e internacionais, patrocinada, estimulada e protegida pelo Estado. Uma política sistemática, implementada por um outro *intelectocrata*, S. Witte, entre 1892 e 1903, aplicara um conjunto de medidas coerentes, construindo um quadro favorável para o crescimento industrial e as exportações: tarifas alfandegárias altas, reserva de mercado, orçamento equilibrado, moeda forte, fiscalidade baseada em impostos indiretos, política agressiva de atração de capitais externos, encomendas diretas a setores determinados (indústria bélica) e, quando era o caso, controle direto, como no caso das estradas de ferro (dois terços controlados pelo Estado). (FILHO, 2003, p. 30)

¹⁴ Alexandre Herzen (1812-1870) foi um escritor, filósofo, jornalista e político russo. Teve grande atuação na emancipação dos servos em 1861 e é considerado o pai do socialismo russo.

¹⁵ Terra e Liberdade

¹⁶ Vontade/Liberdade do Povo.

A Rússia, dessa forma, deixou o capitalismo adentrar suas fronteiras, moldando-o aos interesses do Estado. Apesar de consideravelmente dependente do capital externo, a Rússia desfrutava de certa autonomia. Até mais ou menos a Primeira Guerra Mundial, o país continuava com uma sociedade fundamentalmente agrária, mas as mudanças feitas foram significativas, ao ponto de crescer consideravelmente a população em centros urbanos como Moscou e São Petersburgo. A própria classe operária industrial aumentou dois terços entre 1890 e 1900. Ainda assim, o contraste social e cultural era evidente – a própria Moscou ainda era impregnada com velhos costumes camponeses e também uma cultura e economia agrárias.

Um ponto forte para evidenciar o desequilíbrio interno do país era o fato de as exportações custarem a fome da população russa, ou seja, o capitalismo proporcionou o progresso, mas salientou o contraste social ao deixar coexistir, numa mesma região, tecnologias de última geração, o trabalho semi-servil e condições operárias de séculos passados. Era o *desenvolvimento desigual e combinado*, do qual veio a falar, posteriormente, Trotsky; era o progresso e o atraso atribuindo uma contraditoriedade ao país. Enquanto grande parte da população era iletrada, os aristocratas sabiam, como ironiza Filho (2003), expressar-se melhor em francês do que em sua língua materna. É nesse cenário que a Rússia traz o mais refinado de suas artes (nos campos da literatura, pintura, balé, teatro e música), incluindo a aparição de Tchekhov (principalmente no teatro).

Um dos pontos explorados pelo protagonista da obra *Minha Vida* (2011), Missail Póloznev, é a corrupção presente em todos os níveis sociais (visto que Missail se sente desiludido ao ir morar no campo e identificar a corrupção até entre os *mujiks*). Ainda assim, essa corrupção é ressaltada quando relacionada à elite. Filho (2003) expõe essa questão em sua obra ao explorar a Burocracia Civil¹⁷ e a Igreja Ortodoxa. A primeira era bastante conhecida por ser *os olhos e ouvidos do czar*. Apesar disso, a Burocracia Civil era alvo constante da sátira e de desprezo da população, visto que era elitista (carreira dividida em 14 níveis, sendo os 8 níveis superiores destinados à nobreza) e, conseqüentemente, ineficiente, corrupta e irresponsável. Já a Igreja Ortodoxa desfrutava de certa autonomia e auxiliava o czar no controle do país. Assim como na Burocracia Civil, a hierarquia da Igreja Ortodoxa permitia que os membros de maior prestígio possuíssem uma vida mundana nos grandes centros urbanos, enquanto os *popes*¹⁸ viviam de maneira mais humilde nas aldeias, juntamente com os *mujiks*. Os altos escalões eram supervisionados por um procurador nomeado pelo czar, intitulado Santo Sínodo. A fé era algo muito importante, visto que o czar era, para a maioria

¹⁷ Polícia política.

¹⁸ Padres.

da população, um soberano de direito divino e Moscou era chamada de Terceira Roma devido ao seu Cristianismo visto como íntegro e ainda não corrompido. Além disso, o czar era um soberano amado por seu povo, tanto que a culpa relacionada aos problemas do país nunca era atribuída a ele, e sim à polícia, ao exército, à economia, dentre outros.

Tendo em vista esse contexto histórico, outra questão que Tchekhov desenvolve em *Minha Vida* (2011) é a imagem negativa construída em torno do trabalho braçal, algo mostrado por intermédio das reflexões do protagonista. Missail é um jovem pertencente à nobreza que vive junto com o pai e a irmã. O pai é um arquiteto autoritário e conservador, e deseja uma carreira tradicional para o seu filho. Missail, entretanto, não se contenta com tais imposições sociais e também não consegue se fixar nos diversos empregos burocráticos pelos quais passa, sendo que a trama se inicia quando ele está perdendo o emprego pela nona vez, pois não consegue se dedicar aos seus afazeres. Para ele, a sua profissão não é de ordem intelectual; o trabalho intelectual, em sua opinião, é realizado por meio das artes, mas ele não vê perspectivas para si próprio nessa área. Sendo assim, opta por uma vida simples sustentada pelo trabalho físico, despertando a ira de seu pai.

O arquiteto Póloznev é uma representação dos preconceitos sociais relacionados ao trabalho manual (o qual é quase comparado a uma doença). É justamente esse comportamento que intensifica a repulsa do protagonista em relação à sociedade que o rodeia. Antes de se tornar trabalhador braçal, entretanto, Missail ainda atende ao pedido dos parentes e, por meio de uma amiga de sua irmã, Aniúta Baglovó, consegue um emprego burocrático com o engenheiro Viktor Dóljnikov. O engenheiro, embora tenha uma grande fortuna e também seja corrupto, como o restante da cidade, gaba-se por ter conquistado a riqueza por meio do seu esforço físico (trabalho braçal). Logo, Missail perde esse emprego que, como o anterior, não exigia qualquer esforço, seja físico ou intelectual:

Eu recebia e passava adiante telegramas, escrevia relatórios diversos e passava a limpo notas com reivindicações, pretensões e relatórios que capatazes e mestres incultos enviavam aos escritório. Na maior parte do dia, porém, eu não fazia nada, só andava pelo cômodo, esperando telegramas, ou então deixava um menino sentado lá e ia ao jardim passear enquanto o menino não vinha me avisar que o aparelho estava tocando. (TCHEKHOV, 2011, p. 33)

A partir dessa dispensa, Missail se decide, de uma vez por todas, a assumir uma função que exija seu esforço físico, visto que, para ele, esse tipo de ofício servia como um nivelador das diferenças sociais (algo que será abordado na seção *O trabalho físico e o pensamento reflexivo*). É quando ele conhece Riedka, uma espécie de pintor chefe de muros e coberturas.

Quando Missail assume a função de pintor, seu pai toma a medida extrema de deserdá-lo; os conhecidos sequer o olham na rua – inclusive a jovem Aniúta que, mesmo sendo apaixonada por Missail, passa a ignorá-lo em público. Ele é renegado pela sua classe social, e também não é aceito, inicialmente, pelos companheiros pintores. Nesse tempo em que se dedica à carreira de pintor, Missail passa a visitar a casa do engenheiro Dóljnikov, a convite de sua filha, Maria Viktonovna, e também é muito bem tratado pelo dono da casa, embora tenha sido despedido de maneira grosseira, no passado, por ele. Outra pessoa que surge na vida de Missail, e passa a visitá-lo é o médico Blagovó, irmão de Aniúta. O médico possui idéias visionárias acerca da ciência, da intelectualidade e do desenvolvimento, embora acredite que a Rússia ainda seja um país selvagem. A irmã de Missail, Kleopatra, admira muito o médico e posteriormente se torna sua amante.

Outro ponto importante na condução da trama é quando o governador da região procura Missail, a pedido de seu pai, para que o jovem recobre o juízo e procure um emprego condizente com seu *status*; perante tal pedido, o protagonista se nega a abandonar a vida que escolheu e, dessa maneira, é convidado a se retirar da cidade para não servir de mau exemplo para outros jovens. Durante esse tempo, ele e a filha do engenheiro Dóljnikov se apaixonam e se casam.

O jovem casal se muda para a aldeia de Dubiétchnia, devido à crença da moça de que se deve trabalhar naquilo que se consome (agricultura). Justamente por possuir essa ideologia é que ela fica admirada com a escolha de Missail e revela seus planos idealizados de como se trabalhar com a agricultura. Essa mudança de cenário, na qual aparecem os *mujiks*, não é, de forma alguma, idealizada. Embora esses camponeses sejam expostos aos maus tratos, também aparece a falha na comunicação de duas classes sociais distintas. Por mais que Macha¹⁹ e Missail tentem ajudá-los, eles não correspondem às expectativas de ambos e, aos olhos da Macha, terminam parecendo selvagens. À medida que se desenvolve essa parte do enredo, a falta de seriedade e a superficialidade de Macha vêm à tona.

A corrupção que Missail tanto criticava em sua classe social de origem também aparece entre os *mujiks*, que passam a tentar lucrar financeiramente por meio do casal, mas, como o próprio protagonista reflete, havia algo por detrás do *mujik* que não havia na aristocracia e, essas mesmas pessoas, que gozavam de uma boa condição financeira, criticavam e condenavam como selvageria coisas que elas também faziam:

¹⁹ Diminutivo de Maria. Na novela, a esposa de Missail geralmente é mencionada dessa maneira.

Ficava indignada e sua alma pesava ainda mais, enquanto eu me acostumava aos mujiques e sentia-me cada vez mais atraído por eles. Em sua maioria, eram pessoas nervosas, irritadas, ofendidas; eram pessoas com imaginação reprimida, desrespeitosas, de horizonte estreito, opaco, o tempo todo com os mesmos pensamentos e temas sobre a terra cinzenta, os dias cinzentos, o pão preto, pessoas que aprontavam, mas, como passarinhos, escondiam atrás da árvore só a cabeça, não sabiam fazer contas. Vinham ceifar o feno não por vinte rublos, mas por meio galão de vodca, embora com vinte rublos pudessem comprar quatro galões. Na verdade, havia realmente sujeira, bebedeira, ignorância e enganações, porém, ainda assim, sentia-se que a vida do mujique, em geral, sustentava-se em uma haste forte e saudável. Por mais que parecesse uma fera desajeitada ao andar com seu arado de madeira, por mais que se entorpecesse de vodca, ainda assim, observando-o de perto, sentia-se que nele havia algo de necessário e muito importante, que não havia, por exemplo, em Macha ou no médico, a saber, ele acreditava que o mais importante nessa terra era a verdade e que a salvação dele e de todo o povo estava apenas na verdade e por isso amava a justiça mais do que tudo no mundo. Eu dizia à minha mulher que ela via a mancha no vidro, mas não via o vidro; em resposta, ela se calava ou cantarolava, como Stepan, “u-liu-liu-liu”... Quando essa mulher bondosa e inteligente empalidecia de indignação e com tremor na voz conversava com o doutor sobre bebedeiras e enganações, a sua falta de memória deixava-me perplexo, me impressionava. Como ela podia se esquecer de que o próprio pai, o engenheiro, também bebia, bebia muito e que o dinheiro para comprar Dubiétchnia tinha sido adquirido por uma série inteira de fraudes descaradas e desonestas? Como ela podia esquecer?” (TCHEKHOV, 2011, p. 102-103)

Logo a esposa não agüenta mais esse tipo de vida e acaba viajando, para nunca mais voltar. Novamente, é ressaltada a superficialidade ideológica de Macha – sempre conduzida por modismos - mencionada pelo engenheiro ao ele citar outros interesses levianos que a filha já teve. Ela envia uma carta ao marido, dizendo que foi rumo à Paris para ser cantora, desculpa-se por isso e pede para ele esquecê-la. Missail retorna à sua cidade natal e retoma sua profissão de pintor. A história se finda com ele cuidando da sobrinha bastarda, filha de sua irmã com o doutor Blagovó, pois a irmã falecera. Com o pai, ele nunca volta a se acertar.

1.2 ALUÍSIO AZEVEDO E O BRASIL MONÁRQUICO

No que diz respeito à sociedade brasileira do século XIX, o trabalho braçal teve a sua imagem estigmatizada de maneira negativa, pelas classes sociais mais altas, devido à sua relação direta com o trabalho escravo. Estas minorias, constituídas pelas elites, construíram uma imagem positiva do ócio e do gozo pelo dinheiro. Os únicos trabalhos bem vistos por essas classes eram os de caráter intelectual e/ou que exigiam um curso superior. Sendo assim, os trabalhadores livres, como, por exemplo, ferreiros, cocheiros, amas de leite, bordadeiras,

lavadeiras (e os agregados que viviam nas fazendas e nas casas), também ficaram à margem da sociedade devido à visão estigmatizada do trabalho braçal relacionado à escravidão.

Também é preciso ressaltar que, no século XIX, tanto o Brasil quanto a Rússia vivem o período imperial e que a época das obras coincide com o final desse período, visto que a Rússia é tomada pelas revoluções que deram origem à URSS e o Brasil se tornou uma República.

Com a consolidação da independência em 1822, o Brasil passa a ter relações mais estreitas com a Inglaterra, o que significa ter certa pressão em relação à abolição da escravatura, visto que, para a Inglaterra, a escravidão já não era benéfica, pois, devido à sua industrialização, era muito mais lucrativo existir uma massa assalariada que pudesse consumir os seus produtos. Sendo assim, a pressão pela abolição foi imposta a diversos países, pois a Inglaterra almejava proletários, não escravos. Com a constituição de 1824, a participação da população na política se deu por meio de brancos e mestiços do sexo masculino, a quem estava restrito o direito ao voto. Embora a constituição tenha trazido uma evolução ao organizar os poderes, definir atribuições e garantir direitos individuais, como explana Fausto (2006), há certas contradições e relatividade de aplicação dos direitos, pois o país possuía uma tradição autoritária e a grande massa da população livre dependia e estava sujeita aos grandes proprietários de terras.

Apesar de alguns problemas relacionados à Constituição, mesmo se estabelecendo a Monarquia no Brasil e a existência de uma nobreza, ela não foi aristocrática, ou seja, podia-se comprar ou receber do imperador títulos, mas esses não eram hereditários. Para governar as províncias, eram nomeados presidentes pelo Imperador. Também foi estabelecido um Poder Moderador, a fim de que houvesse uma separação entre o Poder Executivo e as decisões cabíveis ao rei. Todavia, esses dois poderes não foram claramente separados na prática. A figura do Imperador, no Brasil, também foi vinculada ao sagrado, tal como a dos reis europeus, embora não em um contexto em que houvesse o Absolutismo.

Na época do Primeiro Reinado, a elite política brasileira era dividida entre liberais e absolutistas. Os absolutistas defendiam a ordem e a propriedade, além de serem contra a *liberdade excessiva*, como coloca Fausto (2006), devido ao fato de tal liberdade poder colocar em risco os seus privilégios. Mesmo que alguns atos do Imperador fossem inconstitucionais, esse grupo político o apoiava sob a justificativa de ser um ato em nome da *ordem*. Assim como os absolutistas, os liberais defendiam a ordem e a propriedade, mas eram favoráveis à

liberdade constitucional para garanti-las, além de se manterem em uma posição mais ofensiva em relação ao governo e ao Imperador.

Ainda na época do governo de Dom Pedro I, iniciaram-se revoluções pelo país, além de já aparecerem alguns grupos republicanos. Além das revoluções, houve a guerra entre Brasil e Buenos Aires, o que acrescentou ainda mais problemas à economia nacional. Quanto às exportações e importações, na década de 20 do século XIX, o Brasil foi prejudicado pelas taxas de impostos de 15% atribuídas pela Inglaterra e depois estendida às demais nações, além da queda dos preços de produtos exportados pelo Brasil, como o café. A moeda brasileira também ficou desvalorizada em relação à libra inglesa; no caso das exportações, isso foi positivo, mas encareceu as importações, o que atribuiu mais confusões internas, já que se tratavam de produtos almejados pelas elites. Visto que os portugueses controlavam parte do comércio de varejo, o atrito entre brasileiros e portugueses se intensificou. Quanto mais os portugueses se apegavam à figura do Imperador, mais os brasileiros reavaliavam o liberalismo. O país foi tomado por grande apreensão quando, em 1826, o Imperador português Dom João VI veio a falecer, devido à possibilidade de Dom Pedro I assumir o trono de Portugal e, assim, transformar o Brasil em um Reino Unido, novamente ligado e dependente de Portugal. Com a pressão da população, inclusive a falta de apoio militar, Dom Pedro I foi obrigado a abdicar do trono brasileiro em favor de seu filho, Dom Pedro II, em abril de 1831.

Após o retorno de Dom Pedro I a Portugal, o Brasil iniciou o seu período regencial, que durou até 1840, quando Dom Pedro II subiu ao trono, devido à maioridade antecipada. Entre 1831 e 1840, o país enfrentou um de seus períodos mais agitados, em razão das dificuldades de se manter a unidade territorial e distribuir a concentração de poder, além de se discutir qual seria o grau de autonomia dado às províncias. Além disso, esse período, como cita Fausto (2006), definiu as dificuldades de aplicação de uma prática liberal que fugisse à doutrina absolutista. Tais medidas geraram conflitos com as elites e, em 1850, o poder foi definitivamente centralizado, consolidando, assim, a monarquia.

Alguns exemplos dos problemas que surgiram na época da Regência são eventos como a Guerra dos Cabanos (1825-1832), a Cabanagem (1835-1840) – a primeira ocorreu em Pernambuco e a segunda no Pará, ambas possuindo, como membros do movimento, índios e escravos –, a Balaiada (1838-1840), a Sabinada (1837-1838) e a Revolução Farroupilha (1836-1845). Muitas das queixas das províncias era a centralização monárquica, pois seus respectivos governantes buscavam autonomia. No que diz respeito aos partidos da época, a política se dividiu entre conservadores e liberais, sendo o primeiro permeado de portugueses.

Os conservadores, reunindo grandes proprietários rurais e comerciantes, tinham um número representativo de membros em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; já os liberais, constituídos por parte da classe média urbana, padres e um número bastante reduzido de proprietários de terra, tinham sua força concentrada em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Quando o conservador Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda) ganhou as eleições para Regente Único, a corrente conservadora conseguiu atuar em favor da centralização política por meio de uma interpretação do Ato Adicional²⁰ (1840), retirando diversas atribuições que abalavam a autonomia das províncias.

Devido à ameaça conservadora, os liberais se moveram para apressar a ascensão do Imperador e, aos 14 anos, Dom Pedro II subiu ao trono, em julho de 1840, sendo o primeiro e único Imperador de nacionalidade brasileira. Inspirado no governo britânico, o período do Segundo Reinado foi marcado pela criação do chamado parlamentarismo às avessas, no qual, ao longo das décadas, houve um rodízio equilibrado de ministros pertencentes aos dois partidos vigentes, o que equilibrou o sistema político da época.

No que diz respeito à economia, é válido ressaltar que a produção de café para exportação surgiu apenas no início do século XIX. As plantações eram produzidas em grandes fazendas, sendo necessário um grande número de escravos para a mão-de-obra, ou seja, para se ocupar do trabalho físico e pesado. Tal como na Rússia, as técnicas de plantio eram simples – os principais instrumentos eram a foice e a enxada. O arado só se popularizou no Brasil em 1870. O transporte do café para exportação também era precário, executado por tropas de burros conduzidas por um guia e tropeiros de escravos, pelo menos até serem instaladas no país as primeiras estradas de ferro. Novamente o país se assemelha à Rússia, por possuir uma economia e sociedade predominantemente agrárias e sofrer com o atraso industrial. Contudo, foi justamente por meio da exportação de café (que entre 1821-1830 e 1881-1890 cresceu em 43%) que o país começou a se industrializar, pelo menos no que diz respeito aos sistemas de transporte. O fim da escravidão era um problema delicado, visto que traria um colapso ao país, mas, ao mesmo tempo, a Inglaterra pressionava para a abolição se consumir, e o Brasil dependia da Inglaterra. Ainda assim, o país demorou a ceder ao fim da escravidão, principalmente porque, não só na visão dos grandes proprietários de terras, mas também de grande parte da população livre, o fim da escravidão era visto como sinônimo de prejuízo. Em 1831, foi assinada uma lei inglesa que tornava o tráfico ilegal, mas que não vigorou devido ao fato de que o tráfico ainda não era mal visto pelas elites e era necessário aos grandes

²⁰ O ato adicional (12 de agosto de 1834) foi uma modificação à constituição brasileira de 1824.

proprietários de terras. Em contrapartida, em 1846, a Inglaterra visitou o Brasil e, por meio do ato que ficou conhecido como Bill Aberdeen, a Marinha inglesa foi autorizada a apreender navios negreiros como navios piratas, o que acendeu a revolta nacional. Ainda assim, em um gabinete conservador de 1848, o qual representava uma aliança entre burocratas, magistrados e grandes proprietários, o governo brasileiro foi pressionado a ceder aos interesses ingleses por intermédio da implementação de uma lei e, até 1850, o tráfico foi reduzido drasticamente até quase se extinguir.

É preciso ressaltar que não era proveitoso para o Brasil, a partir do segundo ato instituído, continuar enfrentando a Inglaterra, principalmente porque isso era uma ameaça à economia brasileira, visto que, devido à ameaça de bloquear os portos, as exportações e importações seriam comprometidas. Com o fim do tráfico internacional, em 1850, o tráfico e a escravidão passaram a ser reavaliados pela população brasileira, iniciando-se um período que resultaria na abolição. É válido ressaltar, entretanto, que mesmo com o fim do tráfico, a escravidão continuou legalmente no país, funcionando de maneira interna no interior do país, até 1888. O grande problema era: quem substituiria a mão-de-obra escrava? Se o trabalho escravo era realizado por uma etnia considerada subumana, quem estaria apto a assumir suas funções? Foi a partir disso que o governo iniciou suas campanhas e financiou a vinda de estrangeiros para o país, com uma política de que seria proibido adquirirem terras no Brasil antes de uma permanência de três anos no país.

Em síntese, os imigrantes foram atraídos ao país para substituir a mão-de-obra escrava, consolidando a imagem negativa do trabalho físico construída pelos brasileiros. E por que não empregar a antiga massa escrava como trabalhadores livres? Devido ao preconceito, como menciona Fausto (2006), de aceitar a hipótese de mudança do regime trabalhista dos antigos escravos. Além disso, vinham para as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro imigrantes afeitos ao trabalho fabril, ou seja, com certa consciência trabalhista por estarem familiarizados com o sindicalismo e as revoluções operárias que circulavam a Europa.

A partir de 1850, o país começou a se modernizar e a crescer economicamente, criando condições para instalar indústrias e se criar um mercado de trabalho. Quanto ao problema de mão-de-obra nas fazendas, em 1888, a taxa de imigração subiu consideravelmente e, nesse mesmo ano, junto com a abolição da escravidão, os fazendeiros já não tinham problemas com mão-de-obra nas plantações de café. Todavia, o Segundo Reinado já vinha sofrendo abalos desde 1870, com o fortalecimento dos republicanos.

O governo imperial começou a apresentar alguns problemas com a Igreja e o Exército, além de sofrer alguns abalos em relação às bases sociais de apoio após o fim da escravidão. O abolicionismo foi ganhando muita força no país por meio de representantes como o engenheiro Rebouças, que além de ser partidário do fim da escravidão, defendia o estabelecimento de uma democracia rural, ou seja, a distribuição de terras para os escravos libertados. Já ativistas como Antônio Bento, membro de uma família paulista de prestígio, partiram para as fazendas a fim de incentivarem a fuga e a revolta dos escravos (assim como os jovens que, na Rússia, migraram para o campo a fim de auxiliar os camponeses a se emanciparem), sendo um dos resultados disso a transformação da cidade de Santos em um abrigo de escravos fugitivos.

Além do fortalecimento dos republicanos, outro fator que conduziu ao fim da Monarquia brasileira era o medo de que Dom Pedro II viesse a falecer e sua filha, princesa Isabel, subisse ao trono, devido ao fato de seu marido (conde d'Eu) ser o francês e o país ficar ameaçado de, novamente, tornar-se subordinado a um país europeu. Ainda assim, mesmo entre alguns republicanos, a figura do Imperador era querida. A destituição de Dom Pedro II de seu trono se deu de maneira pacífica, sendo ele e a família enviados a Portugal em 1889. Assim como a imagem do czar assassinado, Alexandre II, elevou-se perante o povo russo, a do Imperador Dom Pedro II também foi elevada à categoria de herói nacional – e, apesar do exílio do Imperador, houve resistência dos monarquistas frente à República. As notícias da morte do Imperador, em 1891, repercutiram por todo o país, junto com sua frase “Deus me conceda esses últimos desejos: paz e prosperidade para o Brasil”, dita antes de morrer. Além disso, em seu caixão foi depositado um pacote que continha terra de todas as províncias brasileiras.

É nesse contexto da transição da Monarquia à República que a obra *O Cortiço* (1997), de Aluísio Azevedo, é produzida e publicada, em 1890. A obra é ambientada, em boa parte, em um cortiço do Rio de Janeiro - local destinado aos cidadãos de baixa renda e marginalizados - e ilustra a sociedade brasileira dessa época. O enredo é constituído pelas histórias paralelas das personagens que habitam o cortiço, mostrando, assim, a figura do proletariado, as diferentes etnias presentes no país no século XIX e o saliente contraste social. Como o objetivo é explorar a trajetória trabalhista do João Romão, o seguinte resumo focará apenas nessa personagem.

O português João Romão, ao contrário do protagonista da obra russa, tem como principal objetivo enriquecer a qualquer custo. Dos 13 aos 25 anos, trabalhou e viveu na

taverna de um português, economizando o dinheiro que ganhou nesses anos de serviço; como pagamento pelos ordenados vencidos, recebe a taverna. Devido à sua intensa ambição, acaba sacrificando a si mesmo, pois, para economizar, veste-se mal, come as piores verduras de sua horta para vender as melhores e dorme pouco; para conseguir sua ascensão social, entretanto, não se vale apenas do seu próprio esforço físico; João Romão explora e engana, não só a escrava Bertoleza, como também as pessoas que vendem seus serviços a ele e até os próprios clientes, como no caso de vender vinho diluído em água. A relação com Bertoleza, todavia, é a que mais acentua o caráter duvidoso do português. Ela lhe serve como amante e cozinheira, além de João Romão ter gasto as economias da escrava para aplicá-las em seus próprios negócios, enganando-a ao dizer que havia comprado sua carta de alforria. O dinheiro de Bertoleza é, na verdade, aplicado na aquisição de três casas, que o português disponibiliza para aluguel.

Por meio do investimento dos aluguéis, aos poucos, João Romão consegue aumentar seus negócios e fundar o cortiço São Romão. Nesse sentido, acompanhado da exploração do próximo, João Romão pode ser visto como uma metáfora ao capitalismo – Bertoleza, por exemplo, trabalha continuamente, sem descanso.

Outro fato motivador para João Romão querer enriquecer é a inveja que sente do seu vizinho, o comerciante bem-sucedido Miranda, com quem rompe relações devido a uma disputa por uma braça de terra - que João Romão deseja comprar para a construção do seu cortiço. Quando Miranda adquire o título de barão, João Romão vê que apenas acumular dinheiro não é o suficiente. É necessário se instruir para acompanhar o modo de vida burguês, como, por exemplo, por meio da leitura de jornais, romances folhetinescos e de idas ao teatro. Após o cortiço São Romão ser destruído por um incêndio, João Romão o reconstrói e o nomeia Vila São Romão, destinando-o, agora, a moradores pertencentes à classe média.

O desfecho da história se dá quando João Romão se aproxima de Miranda - por meio do agregado Botelho - a fim de desposar sua filha, Zulmira. Como Bertoleza, nesse sentido, atrapalha os seus planos, visto que a escrava acha que possui um relacionamento com o português e com ele passará o resto de sua vida, João denuncia a escrava para os seus antigos donos. Bertoleza, desenganada, comete suicídio quando eles vêm buscá-la, cena que simboliza como o sistema capitalista descarta o trabalhador que não é mais útil.

2 A IMAGEM DEGRADANTE DO TRABALHO FÍSICO

“homem saciado
homem saqueado

homem servido
homem sorvo”

Haroldo de Campos, *Poema*

A construção da imagem degradante do trabalho físico possui um trajeto histórico que antecede a época de ambas as obras literárias aqui abordadas, pois tal comportamento social perante o trabalho é datado em civilizações antigas como a grega e a egípcia. Isso é exposto pela autora Livia de Oliveira Borges, no artigo *As concepções do trabalho: um estudo de análise de conteúdo de dois periódicos* (1999), em que são organizadas algumas concepções de trabalho, sendo pertinente a esta pesquisa a concepção clássica, a capitalista tradicional e a marxista.

A antiga sociedade grega se apoiava em um regime escravocrata, o que ajudou a construir, naquele contexto, uma visão degradante do trabalho braçal. Já a função filosófica, da qual se ocupavam os gregos das castas elevadas, era erudita e, conseqüentemente, interpretada como superior – embora não fosse uma atividade encarada como trabalho, juntamente com as atividades políticas. Na Idade Média, época em que a Igreja Católica possuía uma forte influência em diversos países europeus, o trabalho também servia como uma forma de redimir os pecados, ou seja, funcionava como punição.

No momento em que é necessária a extinção da escravidão e há a transição para o trabalho assalariado, inicia-se a concepção capitalista tradicional. Dessa vez, o trabalho recebe certo destaque e assume sua centralidade na vida do homem, mas esse sempre almejando o sucesso econômico; aqui, o trabalho passa a ser encarado como mercadoria. Já em uma das concepções marxistas, que será aprofundada ao longo da análise aqui proposta, surge uma crítica ao capitalismo tradicional. Tal como na visão de Engels (1999), Marx (1996) percebe o trabalho como uma das essências do ser humano (trabalho humanizador), sendo necessário que esse trabalho seja expressivo e acrescente algo a quem o executa, pois, na visão de Marx (1996), o trabalho como mercadoria não apenas é monótono e humilhante, como também é alienante e submisso.

Em *O Cortiço* (1997), o trabalho do protagonista aparece justamente apenas como fonte de acúmulo de capital; para Marx (1996), o trabalho precisa ser satisfatório, racional e digno, algo que, em contraste com o personagem de Aluísio Azevedo, o protagonista Missail

Póloznev procura arduamente, ao ponto de ele traçar uma trajetória social invertida, indo do que é visto como trabalho ideal para o que é encarado como trabalho degradante. Em uma sociedade em que a divisão do trabalho se deu e ainda se dá por meio da propriedade privada, com valores que tendem ao individualismo e crescimento econômico, a formação de uma imagem discriminatória do trabalho físico se torna ainda mais compreensível. Dessa maneira, Herry Magdoff, a partir de uma apresentação no *Terceiro Diálogo Norte Americano Cristão-Marxista*, explana a primeira divisão social do trabalho da seguinte maneira:

Há ainda duas características comuns a todas as formas de divisão do trabalho social: (1) é sempre coincidente com um jogo particular de relações hierárquicas entre indivíduos, grupos sociais, e, em certos períodos da história, ou das nações – se associado ao sistema patriarcal, à escravidão, às castas, propriedades, ou classes modernas. E (2) é sempre assumido, é amoldado, e é reproduzido por e para um grupo social dominante, geralmente incluindo aqueles que detêm ou controlam os meios de produção primários.

Quando à formação social opera com base na escravidão, nas castas, na propriedade, ou nas corporações, a distribuição das ocupações é normalmente rigidamente controlada e tende a ser hereditária. Mas até mesmo num ambiente de individualismo com um mercado de trabalho "livre", a gama de oportunidades profissionais é mantida dentro de limites estreitos. Neste tipo de sistema social, uma classe relativamente pequena de capitalistas possui e controla os meios de produção principais, nos quais a maioria das pessoas procuram emprego para viver. Em última análise, a definição dos tipos de trabalhos disponíveis e a forma como trabalho é dividido, é directamente ou indirectamente determinado pelo egoísmo dos donos e gestores do capital. (MAGDOFF, 1982)

O mesmo autor ainda desenvolve algumas perspectivas de Marx e Engels, como a primeira e a segunda divisão do trabalho. Para ambos, a primeira divisão do trabalho se embasa no processo de troca de artigos e na separação entre o campo e a cidade. A segunda divisão, segundo o autor, revela uma separação entre o trabalho manual e o mental, algo que, como já mencionado, pode ser encontrado na antiga sociedade grega. A partir dessa divisão, os trabalhos que levam ao desgaste e dano corporal passam a ser vistos como desonrosos e carregam esse estigma consigo. Magdoff (1982) ainda explica, por meio das palavras de Veblen²¹, que o trabalho físico não foi apenas mal visto em sociedades escravocratas e/ou de trabalho forçado; é algo pertencente a todas as sociedades que possuem uma hierarquia. Sendo assim, são vários os fatores que determinam o valor de cada ocupação e se ela é considerada superior ou inferior: o Estado, a propriedade privada, as estruturas de classes, entre outros. Tais preconceitos passam de uma sociedade a outra, algo que marca, por exemplo, a trajetória trabalhista de mulheres e negros; seus respectivos percursos sócio-

²¹ Thorstein Bunde Veblen (1857 - 1929) foi um economista e sociólogo estadunidense.

históricos ainda não foram completamente superados e isso também se reflete na remuneração salarial inferior. Tal exemplo, portanto, também se aplica ao trabalho físico, cujo percurso sócio-histórico é dotado de diversos preconceitos. Há determinados conceitos de dignidade, valor e honra, e o que os define é justamente o mesmo que caracteriza os trabalhos físicos como submissos, humilhantes e ignóbeis. Além disso, a constituição dessa imagem, assim como favoreceu as elites nas sociedades feudais e escravocratas, também o faz com a sociedade capitalista.

Essa atribuição de valores gira em torno das complexidades sociais, nas quais as pessoas foram divididas em classes e definiu-se uma propriedade privada. Por intermédio disso, também surgiu a divisão social do trabalho, a partir da qual iniciaremos a análise das obras *O Cortiço* (1997) e *Minha Vida* (2011), a fim de aprofundar essa análise social. Como na seção anterior foi elaborado um breve resumo de ambas as obras, nessa seção serão aprofundadas exclusivamente as histórias dos dois protagonistas, João Romão e Missail Póloznev, a fim de esmiuçar seus respectivos trabalhos, representações sociais e ideológicas e como tudo isso se aplica nas sociedades russa e brasileira do século XIX.

2.1 ROMÃO E PÓLOZNEV: A TRAJETÓRIA TRABALHISTA INVERSA

Para introduzir, primeiramente, a análise do trabalhador braçal visto como animal, será utilizada uma análise de Antonio Candido, presente em *A passagem do 2 ao 3* (1975), na qual é tecida uma crítica à análise literária diática. Para exemplificar esse conceito, o autor comenta uma análise de Affonso Romano de Sant'Anna sobre *O Cortiço* (1997), em que é exposta a oposição Natureza x Cultura, representada respectivamente pelo cortiço e pelo sobrado. Há uma investigação pertinente nesse estudo das trocas ocorridas entre o cortiço e o sobrado, pois Sant'Anna adentra a esfera cultural e social, traçando um trajeto da natureza à cultura. É uma análise simétrica, mas que, como Candido (1975) afirma, tende a ser estática. Para aprofundar tal estudo, é necessário introduzir o número três nessa díade para torná-la uma tríade. Entretanto, esse número três não deve ser confundido com um ponto neutro entre os dois pólos da antiga díade, e sim um novo elemento contribuinte na visão da análise. O sistema trídico consegue dar conta dos conjuntos irregulares, ou seja, da irregularidade dos fatos, optando por uma visão mais dinamizada do processo de análise, ao invés de utilizar

sistemas em equilíbrio para uma análise estática. Um dos exemplos trídicos dados por Candido (1975) é justamente a teoria marxista, por apresentar tese, antítese e síntese.

No caso de *O Cortiço* (1997), qual seria o elemento mediador entre a natureza e a cultura? A animalidade: “o animal metafórico implícito, conotando uma animalização parcial, social, que define o homem tratado economicamente como bicho, na medida em que se torna uma besta de carga, pela necessidade de vender a sua força de trabalho.” (CANDIDO, 1975, p.6). Esse terceiro aspecto, no entanto, é pertinente, aqui, tanto à exploração do trabalho físico em *O Cortiço* (1997) quanto em *Minha Vida* (2011), pois contribui para a construção dessa imagem desumanizadora do trabalhador braçal. O trabalhador, segundo Candido (1975), ao vender sua força de trabalho, aumenta sua animalidade e reduz sua humanidade. Isso também pode ser observado na obra *Minha Vida* (2011), pois Tchekhov salienta constantemente essa visão do trabalhador braçal tratado como animal:

Agora eu vivia entre pessoas para as quais o trabalho era obrigatório e inevitável, e que trabalhavam como burros de carga, frequentemente sem ter consciência do significado moral do trabalho e até sem nunca ter usado a própria palavra “trabalho” em suas conversas; perto deles também eu me sentia um burro de carga, cada vez mais penetrado da obrigatoriedade e inevitabilidade do que fazia, e isso aliviava a minha vida, livrando-me de qualquer tipo de dúvida (TCHEKHOV, 2011, p. 41-42)

Já no que diz respeito à obra de Aluísio Azevedo (1997), vincula-se a esse tópico também a questão étnica, pois no sobrado só há brancos, representando a camada dominante, enquanto no cortiço há negros, mestiços e brancos, representando a massa trabalhadora brasileira – o branco que pertence ao cortiço não é o mesmo que pertence ao sobrado, pois esse primeiro é inferiorizado em relação ao segundo devido ao seu trabalho explorado. Um exemplo dessa questão étnica é o seguinte excerto: “Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.” (AZEVEDO, 1997, p.1).

Em síntese, essa propriedade animalesca, proveniente do Naturalismo, está vinculada também à exploração do trabalho braçal, elemento esse que garante uma análise mais aprofundada quando vinculado aos primeiros elementos citados: a natureza e a cultura. Tal questionamento traz à tona a realidade das classes de uma maneira mais complexa e dinâmica:

Como traduzir em termos adequados essa presença das mediações sociais e econômicas, encarnadas na própria atuação dos personagens e, sobretudo, no encaminhamento geral da narrativa? Registrando que *O cortiço* é um romance cujo eixo é o processo de acumulação semi-primitiva de capital, é

esta que permite a passagem eventual do estado de natureza ao estado de cultura, tão bem vista por Affonso Romano de Sant'Anna. Não indiscriminadamente a todos os moradores da habitação coletiva, como pareceria decorrer da dicotomia não devidamente mediada Cortiço – Sobrado; mas apenas ao acumulador de capital, ficando os outros privados de participar do processo. Entre natureza e cultura se interpõe, portanto, a sociedade, marcada pela luta de classe em torno da apropriação dos meios de produção. Isto nos obriga a repensar a noção de Cortiço = Natureza, como base sobre a qual se elabora a conquista da cultura. (CANDIDO, 1975, p.8)

Para complementar essa ideia, Candido (1975) utiliza um dito popular que circulava o Rio de Janeiro na época da obra de Aluísio Azevedo: “Para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”. Na parte que se refere ao animal burro, há uma ambiguidade em relação ao adjetivo *burro*, a fim de animalizar esse trabalhador braçal por meio de um adjetivo que é sinônimo de ignorância. “O dito não envolve, portanto, uma posição ontológica, mas sociológica, e visa ocultamente a definir uma relação de trabalho ligada a certo tipo de acumulação de riqueza, na qual o homem pode ser confundido com o bicho e tratado de acordo com esta confusão.” (CANDIDO, 1975, p. 10)

Em outro excerto da obra *Minha vida* (2011), posterior ao exposto anteriormente, Missail Póloznev expõe essa visão do trabalho explorado e das baixas condições que atribuem ao trabalhador braçal essa imagem animal:

E ninguém me tratava com menos piedade do que exatamente aqueles que ainda há pouco eram pessoas simples e conseguiam o seu pedaço de pão com trabalho braçal. Nas fileiras do comércio, quando eu passava em frente à loja de ferragens, jogavam-me água como se por acaso e uma vez até me lançaram um pedaço de pau. E ainda o peixeiro, um velho grisalho, fechou o meu caminho e disse, olhando-me com maldade:
- Não dá pena de você, seu tolo! Dá pena é de seu pai!
Já os meus conhecidos, quando se encontravam comigo, por algum motivo se atrapalhavam. Alguns me olhavam como se eu fosse um excêntrico ou um bufão, outros tinham pena de mim, terceiros não sabiam como se dirigir a mim, e compreendê-los era difícil. (TCHEKHOV, 2011, p. 43)

Isso é retomado mais adiante, quando Missail Póloznev descreve um difícil outono em que conheceu o desemprego e obrigou-se a assumir diversas funções, além da de pintor, para não passar fome e garantir o seu sustento. É interessante analisar, nesse próximo excerto, a mudança do comportamento da sociedade perante um rapaz que não mais se vale do seu título da nobreza e que se tornou trabalhador braçal – também isso faz com que Missail reflita sobre a sua função, mas isso é algo que será desenvolvido apenas na próxima seção. Cabe agora apenas ressaltar o que já foi explanado por Candido (1975) acerca do animalesco, porém aplicando-o à outra obra:

Aqueles concidadãos sobre os quais antes eu não tinha nenhuma opinião ou que pela aparência pareciam bem honrados, agora se mostravam pessoas baixas, grosseiras, capazes de todo o tipo de vileza. A nós, pessoas simples, enganavam, roubavam nas contas, obrigavam a esperar várias horas em antessalas frias ou na cozinha, ofendiam-nos e dirigiam-se a nós com extrema grosseria. No outono, em nosso clube, eu coloquei papel de parede em dois cômodos e na sala de leitura; pagaram-me sete copeques por parte, mas me ordenaram que assinasse recibo de doze, e quando me recusei a fazer isso, um senhor bem apessoado, de óculos de ouro, provavelmente um dos principais membros do clube, disse-me:

- Se você, cafajeste, continuar a tagarelar, vai levar um soco na fuça!

Mas quando o criado cochichou-lhe que eu era filho do arquiteto Póloznev, ele se atrapalhou, enrubescceu, porém, no mesmo instante se refez e disse:

- Que o diabo o carregue!

Nas lojas, a nós, trabalhadores, empurravam carne podre, farinha estragada e chá usado; na igreja, a polícia nos empurrava; nos hospitais, enfermeiros e ajudantes nos arrancavam mais dinheiro, e se nós, de pobreza, não lhe dávamos gorjeta, então, em represália, serviam-nos comida em louças sujas; no correio, o funcionário de cargo mais baixo julgava-se no direito de se dirigir a nós como a animais e de gritar com grosseria e insolência: “Espere aí! Pra onde é que vai?”. Até os cães domésticos, também eles nos tratavam de modo inamistoso e atacavam-nos com especial raiva. O mais importante, porém – o que me impressionava acima de tudo na minha nova condição – era a completa ausência de justiça, exatamente aquilo que entre o povo se diz na expressão: “Esqueceram-se de Deus”. Era raro o dia que passava sem uma trapaça. Faziam trapaças os comerciantes, os vendedores de óleo de linhaça, os capatazes, os rapazes e os próprios contratantes. Estava bem claro que nem havia o que dizer sobre os nossos direitos, e o dinheiro que ganhávamos tínhamos todas as vezes de pedir como esmola, postados na entrada de serviço, sem chapéu.” (TCHEKHOV, 2011, p. 55-56)

No caso, Missail Póloznev e João Romão pertencem a classes sociais distintas, mas traçam uma trajetória trabalhista que os conduz a uma nova classe – do ponto de vista sócio-histórico, João Romão consegue a ascensão social, enquanto Missail Póloznev traça o caminho inverso. Além disso, João Romão, na essência de seu caráter, é tudo o que Missail Póloznev questiona e repudia.

Nesse sentido, o que diferencia João Romão de Bertoleza, como aponta Candido (1975), não são apenas os seus hábitos, mas também a exploração que esse realiza e que o conduz à ascensão social revelada no desfecho do livro. Para atingir seu objetivo, ele utiliza outras pessoas de maneira inescrupulosa, a fim de que seu capital cresça e, posteriormente, para subir de posição social:

E lá em cima, numa das janelas do Miranda, João Romão, vestido de casimira clara, uma gravata à moda, já familiarizado com a roupa e com a gente fina, conversava com Zulmira que, ao lado dele, sorrindo de olhos baixos, atirava migalhas de pão para as galinhas do cortiço; ao passo que o vendeiro lançava para baixo olhares de desprezo sobre aquela gentilha sensual, que o enriquecera, e que continuava a mourejar estupidamente, de sol a sol, sem outro ideal senão comer, dormir e procriar. (AZEVEDO, 1997, p. 80)

Nesse trecho, é possível identificar como João Romão passa a se comportar quando é introduzido na aristocracia e reafirma a imagem do sobrado como representação da elite; quanto ao cortiço, fica claro que esse reflete as classes e etnias marginalizadas na época, além de confirmar a aproximação dessas pessoas da imagem animal, principalmente no que diz respeito aos três últimos verbos da citação.

Em síntese, João Romão tipifica o árduo caminhar do trabalhador rumo à sua independência financeira, mas essa trajetória é ampliada pela exploração do trabalho de terceiros, como já foi salientado. Esse acúmulo de capital e a exploração do trabalho garantem a João Romão os primeiros passos para a conquista do título de Visconde, ou seja, a conquista de um título que lhe garantirá sua definitiva mobilidade de classe social. Os dois primeiros parágrafos da obra revelam essa metáfora capitalista, representada por João Romão, que se desenvolve ao longo do livro:

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou, do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, não só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro. Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. (AZEVEDO, 1997, p. 1)

A partir disso, Azevedo (1997) desenrola sua introdução expondo o passado de João Romão e da escrava Bertoleza, sempre salientando o quão econômico o comerciante era, de que maneira ele faz os seus negócios crescerem e como ele consegue explorar a mão-de-obra de Bertoleza, pela qual demonstra grande interesse (no que diz respeito ao trabalho). Ao revelar essa trajetória e esse caráter, João Romão pode representar, como já mencionado, uma metáfora do capitalismo explorado por Karl Marx, em sua obra *O Capital* (1996). O personagem revela, assim, um processo de acúmulo de capital e exploração de mão-de-obra, valendo-se de todos os processos que façam o seu dinheiro render: “João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos, tudo que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco.” (AZEVEDO, 1997, p.2). Candido (1975) caracteriza Aluísio Azevedo como o primeiro autor de sua época a trabalhar com o acúmulo individual de riqueza por meio do trabalho, visto que em outros autores de sua época essa riqueza se dava por meio de heranças. Aqui, as representações humanas vão do capitalista explorador ao trabalhador visto como animal de carga, cuja força é explorada para

a formação do capital alheio: “Em plano profundo, trata-se de uma tríade diferente, pois na verdade quem está em presença são: primeiro, o explorador capitalista; segundo, o trabalhador reduzido a escravo; terceiro o homem socialmente alienado, rebaixado ao nível do animal.” (CANDIDO, 1975, p. 14) Ainda assim, o contexto europeu explorado por Marx se diferencia do brasileiro devido ao fato de o trabalhador brasileiro, na época, ainda estar numa árdua luta física no trabalho, visto que não havia a maquinaria moderna resultante da Revolução Industrial.

De acordo com Marx (1996), o capitalista visa produzir valores de uso, visto que esses são os portadores do valor de troca, e produzir mercadorias cujo lucro seja superior à soma dos valores da matéria-prima, os meios de produção e a mão-de-obra. E o que são esses valores de uso? São o conteúdo material da riqueza; define-se pela utilização ou consumo da mercadoria, ou seja, é a utilidade de determinado produto que lhe atribui o valor de uso, além de esse valor ser produto do trabalho. Segundo Marx (1996), os valores de uso também servem como veículos materiais do valor de troca:

O produto — a propriedade do capitalista — é um valor de uso, fio, botas etc. Mas, embora as botas, por exemplo, constituam de certo modo a base do progresso social e nosso capitalista seja um decidido progressista, não fabrica as botas por causa delas mesmas. O valor de uso não é, de modo algum, a coisa qu'on aime pour lui-même. Produzem-se aqui valores de uso somente porque e na medida em que sejam substrato material, portadores do valor de troca. (...) Quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria, não só valor de uso, mas valor e não só valor, mas também mais-valia. (MARX, 1996, p. 305)

As ações de João Romão ao longo do romance revelam quase sempre um fim capitalista, visto que, como já foi abordado, ele é um imigrante português que iniciou sua vida proletária aos treze anos, como empregado. Desde então, ele desenvolve um pensamento capitalista de acúmulo de dinheiro, mas isso se ressalta quando João Romão passa a invejar o vizinho Miranda, também imigrante português e “que fizera fortuna, sem precisar roer um chifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa!” (AZEVEDO, 1997, p.8). Quando Miranda compra um título de nobreza, esse também se torna o objetivo de João Romão: não é necessário apenas o acúmulo de capital, mas também o prestígio por meio da ascensão social. Ainda assim, essa ascensão social exige uma mudança em seu comportamento, fazendo João Romão refletir sobre a vida que levava até então:

E, caso resolvesse mudar de vida radicalmente, unir-se a uma senhora bem-educada e distinta de maneiras, montar um sobrado como o do Miranda e

volver-se titular, estaria apto para o fazer?... Poderia dar conta do recado?... Dependeria tudo isso somente da sua vontade?... “Sem nunca ter vestido um paletó, como vestiria uma casaca?... Com aqueles pés, deformados pelo diabo dos tamancos, criados à solta, sem meias, como calçaria sapatos de baile?... E suas mãos, calosas e maltratadas, duras como as de um cavouqueiro, como se ajeitariam com a luva?... E isso ainda não era tudo! O mais difícil seria o que tivesse de dizer aos seus convidados!... Como deveria tratar as damas e cavalheiros, em meio de um grande salão cheio de espelhos e cadeiras douradas?... Como se arranjaria para conversar, sem dizer barbaridades?...” (AZEVEDO, 1997, p. 56)

Há uma mudança em João Romão nesse sentido, pois ele passa a gastar seu dinheiro com luxos e o investe também em cultura, a fim de ascender socialmente:

Desde que o vizinho surgiu com o baronato, o vendeiro transformava-se por dentro e por fora a causar pasmo. Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado defronte da venda, a ler jornais. Depois deu para sair a passeio, vestido de casimira, calçado e de gravata. Deixou de tosquiá-lo o cabelo à escovinha; pôs a barba abaixo, conservando apenas o bigode, que ele agora tratava com brilhantina todas as vezes que ia ao barbeiro. Já não era o mesmo lambuzão! E não parou aí: fez-se sócio de um clube de dança e, duas noites por semana, ia aprender a dançar; começou a usar relógio e cadeia de ouro; correu uma limpeza no seu quarto de dormir, mandou soalhá-lo, forrou-o e pintou-o; comprou alguns móveis em segunda mão; arranjou um chuveiro ao lado da retrete; principiou a comer com guardanapo e a ter toalha e copos sobre a mesa; entrou a tomar vinho, não do ordinário que vendia aos trabalhadores, mas de um especial que guardava para seu gasto. Nos dias de folga atirava-se para o Passeio Público depois do jantar ou ia ao teatro São Pedro de Alcântara assistir aos espetáculos da tarde; do “Jornal do Comércio”, que era o único que ele assinava havia já três anos e tanto, passou a receber mais dois outros e a tomar fascículos de romances franceses traduzidos, que o ambicioso lia de cabo a rabo, com uma paciência de santo, na doce convicção de que se instruía. (AZEVEDO, 1997, p. 99)

Partindo desse ponto de vista, a cobiça em se casar com a filha de Miranda, Zulmira, e o fato de, no desfecho, João Romão descartar Bertoleza, são respectivamente exemplos de um investimento que garante a ascensão social e uma mão-de-obra que se tornou inútil a ele; não apenas pela escrava se tornar descartável para o sistema capitalista que João Romão representa, mas também por ser um empecilho ao alcance do seu objetivo de ascender, visto que a relação com Bertoleza se tornaria prejudicial à sua imagem:

Diabo! E não poder arrear logo da vida aquele ponto negro; apagá-lo rapidamente, como quem tira da pele uma nódoa de lama! Que raiva ter de reunir aos vãos mais fulgurosos da sua ambição a idéia mesquinha e ridícula daquela inconfessável concubinação! E não podia deixar de pensar no demônio da negra, porque a maldita ali estava perto, a rondá-lo ameaçadora e sombria; ali estava como o documento vivo das suas misérias, já passadas mas ainda palpitantes. Bertoleza devia ser esmagada, devia ser suprimida, porque era tudo que havia de mau na vida dele! Seria um crime conservá-la a seu lado! Ela era o torpe balcão da primitiva bodega; era o aladroadado

vintezinho de manteiga em papel pardo; era o peixe trazido da praia e vendido à noite ao lado do fogareiro à porta da taberna; era o frego imundo e a lista cantada das comezainas à portuguesa; era o sono roncado num colchão fétido, cheio de bichos; ela era a sua cúmplice e era todo seu mal— devia, pois, extinguir-se! Devia ceder o lugar à pálida mocinha de mãos delicadas e cabelos perfumados, que era o bem, porque era o que ria e alegrava, porque era a vida nova, o romance solfejado ao piano, as flores nas jarras, as sedas e as rendas, o chá servido em porcelanas caras; era enfim a doce existência dos ricos, dos felizes e dos fortes, dos que herdaram sem trabalho ou dos que, a puro esforço, conseguiram acumular dinheiro, rompendo e subindo por entre o rebanho dos escrupulosos ou dos fracos. (AZEVEDO, 1997, p. 107)

Esse excerto expõe de que maneira Bertoleza seria prejudicial à imagem de João Romão dentro daquele contexto de ascensão social, juntamente com a frase “Maldita preta dos diabos! Era ela o único defeito, o senão de um homem tão importante e tão digno.” (AZEVEDO, 1997, p.97). Sendo assim, em ambas as obras, a questão da imagem social se revela algo importante e que exige certo zelo.

Por meio do que foi exposto até aqui, pode-se perceber que a ascensão social, no contexto brasileiro do século XIX, é vista como uma trajetória ideal. Já em *Minha Vida* (2011), a trajetória inversa traçada pelo personagem-narrador Missail Póloznev, quando esse decide ser um trabalhador braçal, faz com que até a sua sanidade mental seja questionada. Ele é visto como mau exemplo; é renegado pela família e rechaçado pelos vizinhos e conhecidos. Quando Missail narra seu trajeto profissional, constituído por nove empregos em departamentos diversos, ele define suas antigas ocupações como: “(...) eu tinha de ficar sentado, escrevendo, ouvindo observações estúpidas ou grosseiras, à espera de demissão.” (TCHEKHOV, 2011, p. 7) O pai, arquiteto municipal, ao saber da decisão do filho em se tornar trabalhador braçal, não aceita e define o filho como um proletário e mendigo, inferiorizando o trabalho físico.

Dessa maneira, contrastando com a obra de Aluísio de Azevedo (1997), Tchekhov (2011) trabalha com um trajeto social, por intermédio de seu protagonista, que pode ser encarado como uma narrativa de resistência²², pois Missail não deseja manter sua posição social (visto que ele já pertence à elite) e faz algo que difere do que seria considerado o ideal. Ele quer abandonar a zona de conforto e o prestígio social, algo que, para os valores sociais construídos, pode ser encarado como loucura (e é exatamente o contrário do que faz o personagem João Romão).

²² BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

No que diz respeito ao conceito de narrativa de resistência, Bosi (2002) explana a ligação entre obra literária e realidade. A narrativa de resistência aparece quando há uma “diferenciação aguda dos papéis sociais. Nesse caso, o artista da palavra pode desenvolver, solitária e independentemente, a sua resistência aos antivalores do meio.” (BOSI, 2002, p. 125). Uma definição simples do significado de resistência é o fato de ela não estar no ético, e sim no estético, como afirma o autor. No caso, o narrador molda a trama com representações do bem, do mal ou de ambos, cujo princípio da realidade é o responsável pela realização dos valores no campo ético; o homem possui seus valores (internos) e o que interfere nesses valores são obstáculos que vão de encontro à sua vontade (externos). O valor apontado por Bosi é mostrado como causador das ações: ele a motiva a acontecer e, após realizada, o valor atinge o seu objetivo. Nas esferas ética e política, há uma ligação com os desejos primários dos homens por estarem conectados às ações livres. A resistência ético-política, vinda da proposta neo-realista, liberta-se dos valores ultrapassados e resiste perante a narrativa e a estilística – narrativa de resistência; fundem-se a arte, a narrativa e a cultura – há uma aproximação da realidade. Por outro lado, a resistência como forma imanente da escrita é um processo da linguagem de interiorização do escritor e visa o ético em um sentimento de bem e mal, intuição de verdadeiro e falso; possui uma maior repercussão no campo estético do texto.

Segundo Bosi (2002), após o autor criar a personalidade da sua personagem, a obra se volta para a conquista da veracidade dessa expressão. A ideologia dominante é algo permitido pela arte para ser escolhido; quando isso se volta para uma mercadoria ou uma propaganda, perde essa liberdade ideológica; quando isso ocorre de forma exacerbada, com um dever de defender uma visão política ou algo do gênero, há possibilidade de distorção da visão crítica. No existencialismo e marxismo no pós-guerra surge uma arte empenhada, perceptiva e analítica em relação aos mais sutis traços de consciência; na ideia de intelectual orgânico, o escritor renega a burguesia e adere à realidade, progresso, justiça e liberdade. A dura consciência que o sistema social possui gera certa objetividade que, na literatura, é o sinônimo mais adequado para “realidade”. No sentido abordado, a literatura atinge e transcende a vida real. É resistente à mentira e "considerado em geral como lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente". (BOSI, 2002, p. 135) Essa resistência partirá da ideologia do autor e como ela será aplicada para conduzir a veracidade da obra.

Sendo assim, Missail resiste aos valores e julgamentos de toda uma elite, desconstruindo certos estigmas acerca do trabalho braçal e dos próprios *mujiks* por meio de suas reflexões. Ele consegue expor os problemas morais e a hipocrisia da sociedade em que

está inserido, a pouca diferenciação entre a elite e os *mujiks*, sendo que essa elite critica tanto os hábitos dos camponeses e os considera selvagens; mas, principalmente, ele consegue expor, por meio de suas reflexões, que o trabalhador braçal não é privado da reflexão e da inteligência, e que muitas vezes não há reflexão, honestidade e inteligência nessa elite que tanto critica a ausência dessas qualidades. No seguinte trecho: “Na cidade inteira eu não conhecia uma pessoa honesta. O meu pai recebia propina e imaginava que lhe davam isso em respeito às suas qualidades morais...” (TCHEKHOV, 2011, p. 24), o narrador-personagem tece todo um parágrafo acerca da corrupção de sua cidade, começando pela de seu próprio pai.

Outro ponto confirmado pela visão do Sr. Póloznev²³ é a de que o trabalho físico é desqualificado, vulgar e indigno, e pode ser assumido por qualquer um, mas não por um nobre, como pode ser visto no seguinte diálogo entre pai e filho:

- Amanhã iremos juntos, você pedirá desculpas ao diretor e prometerá servir-lhe com responsabilidade – concluiu. – Você não deve ficar nem um único dia sem colocação.

- Peço-lhe que me escute – disse eu, carrancudo, sem esperar nada de bom daquela conversa. – Isso que o senhor chama de colocação consiste em privilégio do capital e da erudição. Quem não é rico nem erudito consegue seu pedaço de pão com o trabalho físico, e não vejo motivo para fazer de mim uma exceção.

- Quando você começa a falar de trabalho físico, a conversa fica estúpida e vulgar! – disse meu pai com irritação. – Compreenda, homem tapado, compreenda, cabeça sem cérebro, que você, além da grosseira força física, tem também uma alma divina, um fogo sagrado, que no mais elevado grau o distingue do asno ou do réptil e o aproxima da divindade! Esse fogo tem sido alcançado durante milhares de anos pelos melhores homens. O seu bisavô Póloznev, um general, lutou na batalha de Borodínó; o seu avô foi poeta, orador e representante da nobreza; o seu tio, pedagogo; e finalmente eu, seu pai, arquiteto! Todos os Póloznev conservaram o fogo sagrado para que viesse você apagá-lo.

- É preciso ser justo – disse eu. – Milhões de pessoas suportam o trabalho físico.

- Pois que suportem! Não são capazes de fazer nenhuma outra coisa! Do trabalho físico pode se ocupar qualquer um, inclusive um tolo ou criminoso, esse traço é característico de escravos e bárbaros, enquanto o fogo é atributo apenas de uns poucos! (TCHEKHOV, 2011, p. 8-9)

Além de inferiorizar o trabalho físico, o Sr. Póloznev caracteriza os trabalhos vistos como eruditos/intelectuais por meio de adjetivos que elevam tais funções, como no caso das expressões *fogo sagrado* e *divindade*. Esse fogo pode ser interpretado como o fogo divino roubado dos deuses por Prometeu²⁴. Nesse mito, é possível perceber que o fogo divino é o que

²³ Doravante, essa será a forma de mencionar o pai do protagonista.

²⁴ Na teogonia de Hesíodo, a criação dos homens e dos animais coube aos irmãos Epimeteu e Prometeu. A última criação foi a do homem, a partir do barro, mas Epimeteu gastara todos os dons com os demais animais (rapidez, sagacidade, velocidade...), levando Prometeu a roubar dos deuses o fogo para dá-lo aos homens, garantindo assim a superioridade do homem perante os demais animais. O fogo, entretanto, era algo divino e

eleva os homens diante dos demais animais, ou seja, quando o pai de Missail diz que o filho ameaça apagar esse fogo sagrado com a sua função, é como se ele regredisse à condição de animal. Outra interpretação para as palavras do pai é a da sarça ardente da Bíblia, por meio da qual Deus se manifesta e fala com Moisés, dando-lhe a missão de libertar o seu povo. A sarça está em chamas, mas não queima ou se consome; é por meio do fogo que Deus se manifesta para o homem, o único ser possuidor de alma.

Na obra, o pai de Missail reafirma a ideia de que há uma grande distinção entre a ocupação manual e a mental, pois ele acredita que o filho está destruindo a família ao deixar de lado todo um trajeto erudito e elevado traçado por seus ancestrais. Além disso, a visão do pai traz à tona a visão de classes, já abordada nessa pesquisa, em que o trabalho físico é diminuído e o valor é atribuído apenas ao trabalho intelectual, por esse ser visto como ontológico, criativo e elevado – visão a partir da qual Missail revela a sua resistência. Quando avisam Missail acerca da visita do governador, dizem a ele que “existe a ciência dos arquivanditas, existe a ciência dos oficiais, existe a ciência dos médicos, para tudo existe uma ciência própria. Mas o senhor não segue a sua ciência, e isso eles não podem permitir.” (TCHEKHOV, 2011, p. 68). Isso revela a desordem que a decisão de Missail causa naquela sociedade, sendo complementada pelo general que vem notificar Missail acerca do pedido do pai: “O seu venerável pai dirigiu-se por escrito e pessoalmente ao chefe da nobreza provincial, pedindo que o chamasse e esclarecesse ao senhor a total incongruência entre o seu comportamento e o título de nobreza que o senhor tem a honra de possuir.” (TCHEKHOV, 2011, p. 69). Apesar disso, o protagonista, embora veja que sua decisão é alarmante perante a sociedade, não consegue identificar o que há de ruim na simplificação²⁵ de sua vida, analisando a situação de maneira prática. Sendo assim, em uma conversa com a futura esposa, Missail sintetiza o seu pensamento acerca de sua classe e do trabalho físico da seguinte forma:

- O conforto e as facilidades devem ser vistos como privilégio inevitável do capital e da educação – disse eu -, e parece-me que as facilidades da vida podem combinar com qualquer coisa, até com o trabalho mais pesado e sujo. O seu pai é rico, no entanto, como ele diz, esteve entre maquinistas e simples graxeiros. (TCHEKHOV, 2011, p. 61)

exclusivo dos deuses, o que acarretou a Prometeu o castigo de ser acorrentado ao monte Cáucaso, onde todos os dias seu fígado era dilacerado por corvos.

²⁵ No russo, *oproschenie*. Esse termo define a ideologia de simplificação da vida adotada por Tolstói (1928-1910), espelhada no modo de vida e nos hábitos dos *mujiks* (o chamado “povo simples”). É válido ressaltar que Tchekhov e Tolstói nutriam uma relação de amizade e a epígrafe desse trabalho, pertencente à obra *A Sonata a Kreutzer*, de Tolstói (2010), traz uma visão convergente com a explorada por Tchekhov na obra *Minha Vida* (2011).

Para Missail, não há distinção entre os tipos de trabalho, pelo menos não uma distinção que inferiorize o trabalho braçal. Sendo assim, Missail resiste e questiona não apenas ao obscurecimento do trabalho físico e o estereótipo do trabalhador braçal, como também questiona toda a hierarquia social que envolve esse contexto.

Quanto à obra de Aluísio de Azevedo (1997), não há como ignorar que, embora João Romão faça uma trajetória tradicional e aceitável, também há uma crítica a esses valores sociais. Como já foi abordado, João Romão é uma metáfora do capitalismo e suas ações revelam uma crítica semelhante à tecida por meio da visão de Missail: o comportamento social que Missail critica é justamente o que o João Romão representa. Missail contraria a caricatura do trabalhador braçal ignorante ao refletir sobre sua função, portanto se faz necessário explicar, a seguir, esse seu pensamento reflexivo.

2.2 O TRABALHO FÍSICO E O PENSAMENTO REFLEXIVO

Como já mencionado, a obra de Tchekhov (2011) aqui proposta é uma narrativa de resistência por questionar um determinado comportamento social, por meio de uma atitude do protagonista considerada atípica. No entanto, há outra questão abordada nessa narrativa que também pode ser vista como uma resistência: a sutil crítica à intelectualidade que a elite retratada na história acreditava ter e a reflexão tecida por um trabalhador braçal, algo que vai de encontro ao seu estereótipo de ignorância. Para explorar esse ponto, será utilizada a obra *Serenidade* (2000), de Heidegger, buscando compreender essa questão reflexiva, e as obras de Engels (1999) e Marx (1996), a fim de analisar o trabalho como humanizador.

Partindo ainda da discussão entre Missail e seu pai acerca de sua carreira, o jovem considera questionáveis os argumentos do pai, pois esse apenas expõe algumas profissões dos seus antepassados, consideradas adequadas à classe social dos Póloznev, e vale-se apenas desse argumento de adequação e inadequação social para convencer o filho a rever a sua escolha. Além disso, há um enaltecimento dos trabalhos intelectuais, embora não haja uma reflexão ou embasamento argumentativo sólido para tal e muitas vezes sejam trabalhos vazios, além do que já foi abordado. Sendo assim, Missail tece a seguinte reflexão acerca de sua discussão com o pai:

Continuar essa conversa seria inútil. O meu pai tinha adoração por si, e para ele só o que ele mesmo dizia era convincente. Além disso, eu sabia muito bem que a arrogância que ele demonstrava ao falar do trabalho braçal tinha

como fundamento nem tanto concepções sobre o fogo sagrado quanto certo medo de que eu ingressasse entre os operários e levasse toda a cidade a falar de mim; o mais importante era que todos os meus conterrâneos há muito haviam terminado a universidade e seguiam por um bom caminho, e o filho do gerente de atendimento do banco estatal já era assessor colegiado, enquanto eu, único filho, não era ninguém! Continuar a conversa seria inútil e desagradável, mas eu permanecia sentado e expressava-me com bravura, na esperança de que finalmente me compreendessem. Pois toda a questão consistia simples e claramente apenas no meio pelo qual eu conseguiria o meu pedaço de pão; entretanto não enxergavam essa simplicidade e diziam-me frases melosas e rebuscadas sobre Borodinó, fogo sagrado, um tio poeta esquecido, que outrora escrevera versos ruins e falsos, e apelidavam-me com grosseria de cabeça sem cérebro e homem tapado. (TCHEKHOV, 2011, p. 9)

Essa simplicidade mencionada por Missail acerca da sua escolha profissional, entretanto, como ele mesmo aponta, não é tão simples. O pai revela, novamente, uma visão da sua classe social, em que não importa se o trabalho é produtivo, e sim se a função é bem vista. Ele tem a percepção de que o discurso inflamado do pai gira em torno apenas de uma questão social: do que é aceitável para a elite e quais as consequências, para a imagem da família, de sua escolha. Ainda assim, ele rechaça a suposta erudição da qual o pai fala por meio, por exemplo, do parente poeta, apontando que a execução de uma atividade não garante a sua qualidade (no caso, o fato de um familiar ter sido visto como um intelectual não é sinônimo de que ele realmente o tenha sido). Já o próprio Missail, que tenta compreender toda essa complexidade social e consegue aprofundar sua reflexão e questionar a situação, enquanto todos os demais permanecem na superfície, é ironicamente chamado de homem sem cérebro:

- Ficar sentado em um cômodo abafado – acentuei eu -, copiar, competir com a máquina de escrever é vergonhoso e ofensivo para um homem de minha idade. Como é que isso pode ter alguma coisa a ver com fogo sagrado!

- Apesar de tudo, é um trabalho intelectual – disse meu pai. – Mas basta, vamos colocar um ponto final nessa conversa; porém, em todo o caso, eu o advirto: se você não entrar de novo no serviço e continuar seguindo essas inclinações abjetas, eu e minha filha o privaremos do nosso amor. Eu o privarei da herança – juro pelo bom Deus! (TCHEKHOV, 2011, p 10)

Como é possível perceber, não há uma real reflexão, por parte do pai, acerca da função que deva ser assumida pelo filho; embora Missail consiga perceber que o trabalho que querem que ele execute é vazio e, para ele, desprovido de um significado, para o pai basta que essa função seja vista como intelectual e adequada. Aqui pode se inserir os conceitos de pobreza-de-pensamentos e fuga-de-pensamentos de Heidegger (2000), nos quais se revela uma sobeja preocupação e admiração para com a ciência e tudo o que venha a ser de ordem intelectual. Apesar de se acreditar que justamente por isso começou a se dar uma importância ainda maior

ao pensamento, esse pensamento não é reflexivo; não há uma contestação, apenas um deslumbramento.

Como já explanado na introdução, Heidegger (2000) vincula outros dois conceitos, o do pensamento que calcula e do pensamento que reflete, ao desejo do homem de tudo querer submeter ao seu poder. O pensamento calculista, desprovido de reflexão, entretanto, conduz o homem ao domínio da ciência e da técnica, pois ele não é capaz de refletir sobre seus prós e contras e aceita tudo como benefício, invertendo seu papel de dominador para o de dominado. Dessa maneira, o homem tenta mecanizar todo o tipo de conhecimento. Embora na obra *Minha Vida* (2011) esse pensamento mecanizado não se aplique à técnica, ele aparece como uma forma de justificar e tornar incontestável a visão de uma sociedade. Ironicamente, a elite que tanto se orgulha de sua intelectualidade é justamente a representação da superficialidade, da pobreza-de-pensamentos e da ausência de reflexão, revelando sempre seus pensamentos mecânicos acerca da sociedade que a cerca.

Complementando essa visão, para a sociedade o trabalho nada mais é do que uma fonte de riqueza, contrariando a ideia de Engels (1999) de que o trabalho é tão fundamental à vida humana que é a partir dele que se criou o homem. Para o autor, é a partir do uso da mão como ferramenta que o homem consegue traçar uma linha de desenvolvimento, pois o trabalho em conjunto foi o que colaborou para unir mais os membros dentro da sociedade; essa sociedade, portanto, é o resultado do que o autor define como o *homem acabado*. É o trabalho que distancia o homem dos demais animais (ao invés de reduzi-lo ao animal), principalmente quando combinado às capacidades mentais e cognitivas, pois é esse conjunto de funções que fez com que o homem desenvolvesse atividades cada vez mais complexas, até atingir as ciências, artes e política, cujo aparecimento significou passar das funções manuais a um segundo plano:

O rápido progresso da civilização foi atribuído exclusivamente à cabeça, ao desenvolvimento e à atividade do cérebro. Os homens acostumaram-se a explicar seus atos pelos seus pensamentos, em lugar de procurar essa explicação em suas necessidades (refletidas, naturalmente, na cabeça do homem, que assim adquire consciência delas). Foi assim que, com o transcurso do tempo, surgiu essa concepção idealista do mundo que dominou o cérebro dos homens, sobretudo a partir do desaparecimento do mundo antigo, e continua ainda a dominá-lo, a tal ponto que mesmo os naturalistas da escola darwiniana mais chegados ao materialismo são ainda incapazes de formar uma idéia clara acerca da origem do homem, pois essa mesma influência idealista lhes impede de ver o papel desempenhado aqui pelo trabalho. (ENGELS, 1999, p. 19)

Por meio desse excerto, fica evidente a reflexão tecida por Missail acerca da importância do trabalho físico e também a importância do trabalho na constituição da essência do ser e na identidade do indivíduo. Já João Romão não só não reflete sobre a importância de sua função, como utiliza o trabalho apenas como forma de atingir a riqueza. Dessa maneira, quando ele passa a almejar um título de nobreza, ele sabe que precisará se adequar a certos padrões exigidos pela classe social para a qual quer ascender. Para tal, é necessário que ele atinja aquela superficialidade intelectual, a mediocridade que Missail condena em seu pai. João Romão precisa aprender a falar sobre determinados assuntos, como os materiais artísticos e literários vindos da França, para aparentar civilização. Contestando essa superficialidade, que em *Minha Vida* (2011) aparece também por meio do enaltecimento do intelecto, Missail tece uma definição acerca do falso trabalho intelectual:

A minha intenção de não voltar à chancelaria e de começar uma vida nova de operário estava inabalável. Restava apenas escolher o tipo de atividade – e isso não parecia especialmente difícil, pois eu me julgava muito forte, resistente, capaz de fazer o mais pesado dos trabalhos. Tinha pela frente uma vida de operário, monótona, com períodos de fome, mau cheiro, acomodações desconfortáveis e constante preocupação com o pão de cada dia. E, quem sabe, voltando do trabalho pela rua Bolchaia Dvoriánskaia, mais de uma vez ainda invejaria o engenheiro Dóljikov, que vive do trabalho intelectual; agora, porém, pensar a respeito dessas minhas futuras adversidades deixava-me alegre. Certa época, sonhara com uma atividade intelectual, imaginando-me professor, médico, escritor, mas os sonhos assim permaneceram: sonhos. Em mim, as inclinações aos prazeres intelectuais, por exemplo ao teatro e à leitura, desenvolvera-se até a paixão, mas, se havia habilidade para o trabalho intelectual, isso já não sei. No ginásio, tinha aversão insuperável à língua grega, de modo que tiveram de me tirar do quarto ano. Por muito tempo vieram professores particulares me preparar para o quinto; depois servi em diversas repartições, passando grande parte do dia sem fazer absolutamente nada, e diziam-me que isso era trabalho intelectual; minha atividade no campo escolar e funcional não exigia esforço do intelecto, nem talento, nem habilidades pessoais, nem elevação artística do espírito: era algo automático; e esse trabalho intelectual eu coloco abaixo do físico, desprezo-o e acho que ele não pode servir, nem por um minuto, de justificativa para uma vida festiva e despreocupada, uma vez que ele não passa de fraude, de um dos tipos dessa mesma festividade. É bem provável que eu nunca tenha conhecido o verdadeiro trabalho intelectual. (TCHEKHOV, 2011, p. 11-12)

Portanto, aqui, novamente, pode ser inserida a pobreza-de-pensamentos e também a fuga-de-pensamentos, explanadas por Heidegger (2000). Apesar de se ter essa sobeja preocupação e admiração para com a ciência e tudo o que venha a ser de ordem intelectual, e de se acreditar que justamente por isso começou a se dar uma importância ainda maior ao pensamento, muitas vezes, esse pensamento não é reflexivo.

É justamente essa ausência de reflexão e pobreza-de-pensamentos que Missail critica não apenas no pai, mas em toda a sociedade que o cerca. Ele, diferente dos demais, não possui uma forte ambição e necessidade de controle, não deixando, dessa forma, que a sua essência quanto ser humano se perca, pois, para Heidegger (2000), a verdadeira manifestação do ser se dá por meio da reflexão. Dessa maneira, Missail mantém sua essência tanto na concepção de Heidegger (*pensamento reflexivo*) como na de Engels e Marx (*trabalho humanizador*).

No excerto a seguir, Missail satiriza a superficialidade dos comentários intelectuais do pai, cujo objetivo é apenas aparentar alguma erudição, além de revelar um homem vaidoso. Tal pensamento pode ainda ser caracterizado pela forma como Missail descreve as plantas feitas pelo pai e o estilo que a cidade assumiu, revelando, de outra maneira, uma falta de crítica em uma linha de raciocínio não muito inteligente, além de uma função mecânica. É uma função mecânica como a que Marx (1996) desenvolve em sua obra, acerca do trabalho industrial e fragmentado, em que o trabalhador perde a noção do todo no processo de fabricação e, portanto, perde sua identidade (trabalho alienado). Na obra de Tchekhov (2011), não aparece esse trabalho industrial, mas a função do arquiteto Póloznev pode ser comparada a esse trabalho mecânico e alienado, trazendo à tona novamente o conceito de pensamento-que-calcula de Heidegger (2000), que também critica esse pensamento mecânico e irreflexivo.

Sendo assim, essa imagem da cidade pode representar os costumes, a ausência de reflexão, a falsa intelectualidade e senso artístico petrificados e enraizados nessa sociedade:

-Olhe! – dizia ele à minha irmã, apontando o céu com aquele mesmo guarda-chuva com que há pouco me batera. Olhe o céu! As estrelas, inclusive as menores – todas um mundo! Que insignificante é o homem em comparação com o universo!

E ele falava isso em um tom, como se lhe fosse extraordinariamente lisonjeiro e agradável ser insignificante. Que homem medíocre! Infelizmente, entre nós ele era o único arquiteto e, nos últimos quinze a vinte anos, pelo que me lembrava, não se construíra um único prédio decente na cidade. Quando lhe encomendavam uma planta, normalmente ele desenhava primeiro a sala e o salão de festas; do mesmo modo como outrora as normalistas conseguiam dançar apenas se comessem do canto da sala, a sua ideia artística podia nascer e se desenvolver apenas a partir da sala e do salão. Junto deles ia desenhando a sala de jantar, o quarto das crianças, o gabinete, ligava os cômodos com portas, e então irremediavelmente todos os cômodos acabam por servir de passagem, e em cada um sobravam duas ou até três portas. (...) E não sei porque todas as casas construídas por meu pai, todas parecidas umas às outras, lembravam-me vagamente a sua cartola, a sua nuca rígida e severa. Com o passar do tempo, na cidade acostumaram-se com a falta de talento de meu pai; ela criou raízes e tornou-se o nosso estilo. (TCHEKHOV, 2011, p.13)

Já para o médico Blagovó, na época em questão, a intelectualidade sequer havia adentrado a Rússia, pois ele define a sociedade como selvagem, inclinada para disputas

mesquinhas, interesses baixos, afirmando que essa era a mesma sociedade retrógrada de 500 anos antes. Ele ainda menciona que a Rússia, para abandonar essa brutalidade, precisaria traçar um caminho por meio da educação e das artes, pois, segundo ele, só haveria movimentos sociais onde houvesse o conhecimento, e por isso ele se vangloriava da ciência. Dessa maneira, ele englobou todos os seus conceitos sociais na frase “a nossa cultura ainda nem começou.” (TCHEKHOV, 2011, p. 63).

Assim que Missail se muda de sua casa para um quarto alugado, o médico Blagovó o visita para expressar o quanto o admira, dizendo compreender a decisão de Missail como ninguém conseguira compreender, além de considerá-lo um homem nobre, honesto e elevado, de grande potencial. Entretanto, o médico pergunta, de maneira delicada, se a aplicação de seus esforços e talentos nas artes ou nas ciências não seria mais proveitoso. Missail se expressa da seguinte forma, perante a indagação do médico, reafirmando sua visão de que o trabalho físico é um nivelador social:

Ficamos conversando e, quando surgiu o assunto trabalho físico, expressei essa ideia: era preciso que os fortes não explorassem os fracos, que a minoria não fosse para a maioria um parasita nem sanguessuga, que chupa dela cronicamente os melhores sucos, ou seja, era preciso que todos – fortes e fracos, ricos e pobres -, sem exceção, participassem igualmente na luta pela sobrevivência, que cada um cuidasse de si, e nesse aspecto não há melhor meio nivelador do que o trabalho físico, na qualidade de ocupação geral, obrigatória a todos. (TCHEKHOV, 2011, p. 48)

O médico argumenta que, se todos se dedicassem ao trabalho físico, mesmo as *melhores pessoas* (termo aplicado pelo personagem), como artistas e cientistas, isso seria um grave perigo ao progresso. Missail contra-argumenta que, se não há exploração, ninguém é sobrecarregado e há o cumprimento das leis, não é necessário mais nenhum progresso. O médico se irrita com esse ponto de vista, mas Missail se manifesta da seguinte forma:

- Se o senhor não obriga o seu próximo a alimentá-lo, vesti-lo, transportá-lo, defendê-lo dos inimigos, ou seja, se não vive uma vida toda construída sobre a escravidão, será que isso não é progresso? Para mim, esse é o progresso mais verdadeiro e, eu acho, o único possível e necessário ao homem. (TCHEKHOV, 2011, p. 49)

A partir desse ponto, o médico se revela, no decorrer da discussão, uma representação da elevação desse pensamento científico e desmedido que Heidegger critica em suas três obras²⁶, e também revela certa deficiência em relação à sua reflexão, principalmente ao definir “Vou subindo a escada que chamamos de progresso, de civilização, de cultura, vou subindo,

²⁶ *Serenidade* (2000), *Ciência e Pensamento do Sentido* (1997a) e *A Questão da Técnica* (1997b).

subindo, sem saber ao certo para onde vou, mas a verdade é que só por essa escada maravilhosa já vale a pena viver.” (TCHEKHOV, 2011, p. 49). Não é apenas uma deficiência reflexiva, mas também uma predisposição a tentar se elevar e ignorar o que sustenta a base daquela sociedade e os luxos da elite. Finalizando essa passagem, Missail expressa sua opinião acerca do que o médico Blagovó fala sobre o progresso:

Junto com o processo de desenvolvimento gradual²⁷ das ideias humanitárias, observa-se também o crescimento gradual de ideias de outro tipo. Não há servidão, mas em compensação o capitalismo está crescendo. E bem no auge das ideias libertárias, assim como na época de Batu, a maioria alimenta, veste e defende a minoria, mas permanece faminta, despida e desprotegida. Essa ordem amolda-se maravilhosamente a quaisquer influências ou correntes, porque a arte da escravidão também se cultiva de modo gradual. Já não açoitamos os nossos criados na estrebria, mas damos à escravidão formas refinadas, no mínimo somos capazes de encontrar a justificativa para ela em cada caso particular. Damos muito valor às ideias, mas, se atualmente, no final do século XIX, fosse possível incumbir os operários inclusive de nossas funções fisiológicas mais desagradáveis, então faríamos isso e depois, é claro, diríamos, como justificativa, que, se as melhores pessoas, os pensadores e os grandes cientistas comessem a empregar o seu tempo precioso nessas funções, então isso representaria um grave perigo ao progresso. (TCHEKHOV, 2011, p. 50-51)

Tal ideia reforça a narrativa de resistência proposta na obra e também revela uma visão de cunho marxista acerca das discrepâncias de classes. Isso também é visível na obra de Azevedo (1997), pois João Romão é justamente o explorador do trabalho alheio e que, posteriormente, pertencerá a essa minoria sustentada pela maioria. O desfecho de Missail é o retorno à sua cidade natal e a conquista do respeito dos moradores, que já não estranham o fato de um nobre se dedicar ao trabalho físico e por ele até desenvolvem certa simpatia. Já o de João Romão é o fato de definitivamente conseguir se livrar de Bertoleza, a qual se mata quando vê que João Romão a traiu, pois jamais havia comprado sua carta de alforria e seus antigos patrões vêm buscá-la; com esse suicídio, João Romão se desvincula do seu passado encarado como indigno para adentrar a elite como se sempre tivesse pertencido a ela.

²⁷ Gradualismo: corrente que defende que a evolução ocorre por meio do acúmulo de pequenas modificações ao longo de várias gerações (evolução lenta e gradual).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“quem cavalo
quem cavalga

quem explora
quem espólio”

Haroldo de Campos, *Poema*

A análise comparada dessas duas obras permite refletir de diversas maneiras acerca da construção da imagem estigmatizada do trabalho físico. Certamente a escravidão e a servidão contribuíram drasticamente para perpetuar uma ideia preconceituosa do trabalho físico como animalesco e destinado aos ignorantes, mas não é apenas essa imagem construída sócio-historicamente que garantiu essa desvalorização. Por ser visto como subalterno, aos trabalhos físicos são dedicados salários inferiores; é um trabalho que *pode ser feito por qualquer um*, como mencionado pelo Sr. Polóznev (ver página 43), ou seja, não é um trabalho visto como especializado, teoricamente não exige que o homem utilize e desenvolva a sua mente, mas, principalmente, é a grande massa de força de trabalho necessária e explorada para gerar lucro. Toda a questão aqui discutida gira também em torno do prestígio social, no qual os trabalhadores físicos não possuem uma posição e ficam marginalizados, como é possível perceber no excerto a seguir:

Da escolha das peças e da distribuição dos papéis eu não participava. Ficava por minha conta a parte nos bastidores. Montava os cenários, copiava os textos, servia de ponto, fazia a maquiagem e incumbiam-me também da produção de efeitos diversos, como trovão, canto de rouxinol, etc. Como eu não tinha uma boa colocação social nem trajes adequados, nos ensaios eu ficava à parte, na sombras dos bastidores, e calava-me, acanhado. (TCHEKHOV, 2011, p. 18)

Analisando essa passagem, na qual Missail contribuía com a construção de algumas peças - de um ponto de vista em que a encenação no palco representa a sociedade -, Missail, como trabalhador braçal, está excluído, escondido, dando toda a assistência para a peça acontecer, ou seja, a massa de trabalhadores que sustenta o luxo das elites, mas que permanece marginalizada. No desfecho de *O Cortiço* (1997), também a morte de Bertoleza é ocultada:

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca! trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas. (AZEVEDO, 1997, p. 118)

Nesse trecho, entretanto, João Romão não apenas deixa clara a marginalização da escrava como também, ironicamente, oculta a sua barbárie. O vínculo com ela era mal visto e ele precisava rompê-lo; entretanto, como agora precisava ser visto como um homem esclarecido, vinculou-se a uma comissão de abolicionistas. Novamente, há a superficialidade dos valores e também a falsidade deles, por meio de um desfecho irônico.

Outra questão que pode ser percebida a partir dessa análise é que, apesar da ideia positiva do ócio, quando o trabalho possui uma base salarial bem mais alta, ele também possuirá prestígio. Em outras palavras, o que atribui o reconhecimento de uma profissão também é a remuneração, não a sua nobreza e importância, embora tais conceitos acabem se fundindo devido ao enorme desejo humano pelo dinheiro. O trabalho, como visto ao longo dessa análise, é encarado como mercadoria.

O objetivo aqui não é simplesmente inverter os valores, enaltecendo o trabalho físico por meio da desvalorização do trabalho intelectual, e sim compreender porque os dois não podem ser encarados em pé de igualdade, visto que ambos são importantes para o desenvolvimento social. Pela metáfora do capitalista presente em João Romão, também pode-se resgatar o conceito marxista acerca do valor da mão-de-obra e o porquê de ela ser explorada: para o acúmulo do capital, o capitalista quer extrair o máximo da mão-de-obra utilizada e, devido ao número elevado de fornecedores de mão-de-obra, tenta aplicar o mínimo possível do seu capital, tal como ocorre em várias passagens da obra em que João Romão se aproveita do trabalho alheio para o seu próprio benefício.

Isso também permite vincular a análise feita por Candido (1975) da obra *O Cortiço* (1997), ao conceito do animalesco vinculado ao trabalhador braçal, pois os animais não precisam de dinheiro; domesticados, trabalham obrigados até a exaustão (animais de tração), tendo em troca a comida. Esse trabalhador, visto como animal, em muito se assemelha a isso, pois tudo o que ele parece precisar receber é o suficiente para a sua sobrevivência. Já no que se refere ao trabalho intelectual, em *Minha Vida* (2011) fica mais evidente o vínculo entre profissão de prestígio e salário elevado: as profissões que o pai deseja que ele assumira não são,

em sua real essência, de ordem intelectual, mas sim profissões ociosas que permitem a ele receber um bom salário, digno de sua classe social de origem.

Sendo assim, o trabalho já não é mais visto como humanizador, e sim como mercadoria, como fonte de dinheiro – embora o personagem de Tchekhov (2011) tente resgatar esse trabalho humanizador. Em sociedades hierárquicas, há a desigualdade entre os tipos de trabalho, nas quais estão envolvidas toda a estrutura de classes, o Estado e a propriedade privada, que garantem ao trabalho físico a sua imagem estigmatizada.

Por fim, é possível perceber que a imagem social construída acerca dessa grande massa, constituída pelos trabalhadores braçais, é favorável às elites e à sociedade capitalista, pois garante a exploração e o lucro. Todavia, se analisarmos a concepção de Engels (1999), em que o trabalho é o que atribui ao homem a sua essência humanizadora e o distancia dos demais animais, Missail não está apagando o *fogo sagrado* de seus ancestrais, e sim utilizando a técnica trazida por Prometeu para não deixar que essa essência humanizadora se apague (ao contrário de João Romão); é ele que, na verdade, luta para que o pai e toda aquela sociedade não deixem esse fogo se extinguir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia Brasileira de Letras. **Aluísio de Azevedo: Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=101&sid=106>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2013.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30 ed. São Paulo: Ática, 1997. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2013.

BORGES, Livia. As concepções do trabalho: um estudo de análise de conteúdo de dois periódicos. In: _____. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v.3, set-dez, 1999.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

_____. **A passagem do 2 ao 3**. Paraná: Unioeste, 1975. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/leitura/PASSAGEM_DOIS_TRES>. Acesso em: 29 de janeiro de 2013.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. **Literatura e Sociedade**. 7. ed. São Paulo: Editorial Nacional, 1985.

_____. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.235-263

COCCO, Ricardo. A questão da técnica em Martin Heidegger. In: _____. **Revista Controvérsia**. v. 2 n° 1, jan-jun 2006. Disponível em: <<http://www.controversia.unisinos.br/index.php?a=56&e=3&s=9>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

DURKIN, Andrew. The Overthrow of Authority in Chekhov's "My Life". **Hokkaido University Collection of Scholarly and Academic Papers**. Hokkaido: Acta Slavica

Iaponica, p. 1-11, 1990. Disponível em: <<http://eprints.lib.hokudai.ac.jp/dspace/bitstream/2115/7998/1/KJ00000034166.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

ENGELS, Friederich. **O Papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Fonte digital: Rocket Edition, 1999. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/F_ANGELS.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2012.

FANINI, Angela. O universo do trabalho em *O Cortiço*. In:_____. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 13, p. 54-68, 2010.

_____. O trabalho e o elemento feminino nos romances de Aluísio Azevedo. In:_____. **Tecnologia & Humanismo**, Curitiba, v. 24, p. 52-63, 2003.

_____. A assimilação estética do universo do trabalho em Aluisio Azevedo. In:_____. **Tecnologia e Sociedade: (im) possibilidades**. Curitiba: Torre de Papel, v. 01, p. 201-218, 2003.

FAUSTO, Boris. O Brasil Monárquico (1822-1889). In:_____. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, p. 77-138, 2006.

FILHO, André Aarão Reis. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In:_____. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Vozes, 1997a.

_____. Ciência e pensamento do sentido. In:_____. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Vozes, 1997b.

_____. **Serenidade**. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LOUNSBERY, Anne. "To Moscow, I Beg You!": Chekhov's Vision of the Russian Provinces. In:_____. **University of Toronto: Academic Electronic Journal in Slavic Studies**. Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/tsq/09/lounsbery09.shtml>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

MAGNOFF, Herry. **O significado o trabalho: uma perspectiva marxista**. Disponível em: <http://resistir.info/mreview/significado_do_trabalho.html>. Acesso em: 29 de janeiro de 2013.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol.1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

SABOREDO, Natasha; FANINI, Angela. O Alienista de Machado de Assis: crítica ao discurso autoritário sobre o pensar tecnológico. In:_____. **Revista de Tecnologias**, Ourinhos, v. 4, p. 180-192, jan-jun, 2011.

SHUR, Leonid. **Relações Literárias e Culturais entre Rússia e Brasil nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

TCHEKHOV, Anton. **Minha Vida**. Trad. de Denise Sales. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. Apresentação de Fernando Sabino. In:_____. **O Monge Negro**. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Editora Rocco, p. 5-12, 1985.

VÁSSINA, Elena. Tchekhov: o dramaturgo que transformou o cotidiano em teatro. In:_____. **Cadernos EntreLivros**. São Paulo: p. 64 - 71, 12 jun. 2007.

APÊNDICE – Biografias dos Autores

ALUÍSIO AZEVEDO

Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em 14 de abril de 1857, em São Luís do Maranhão, e foi um romancista, contista, cronista, diplomata, caricaturista e jornalista brasileiro. Era filho do vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e de D. Emília Amália Pinto de Magalhães (a mãe era divorciada e não se casou oficialmente com o vice-cônsul, o que foi um escândalo para a sociedade maranhense da época). Seu irmão mais velho era o comediógrafo Artur Azevedo. Durante a juventude, estudou e trabalhou como caixeiro e guarda-livros em São Luís. Foi para o Rio de Janeiro em 1876 e matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes, trabalhando para se manter fazendo caricaturas para os jornais *O Fígaro*, *O Mequetrefe*, *Zig-Zag* e *A Semana Ilustrada*. Foi obrigado a retornar à sua terra natal em 1878, para tomar conta da família devido ao falecimento de seu pai. Iniciou sua carreira como escritor em 1879, com a publicação do romance *Uma lágrima de mulher*, além de colaborar com o jornal anticlerical *O Pensador*, no qual expunha seus ideais abolicionistas. Em 1881 publicou um romance que provocou escândalo por abordar o preconceito racial e utilizar a crua linguagem naturalista: *O Mulato*. A obra, entretanto, teve grande sucesso e foi bem recebida na Corte como exemplo de naturalismo, dando a oportunidade ao autor de retornar ao Rio de Janeiro em setembro de 1881. Decidido a seguir a carreira de escritor, começou a publicar romances folhetinescos em alguns jornais, inicialmente apenas para se manter. Depois, entretanto, surgiu sua preocupação em analisar os agrupamentos humanos, a exploração dos imigrantes e a degradação das casas de pensão, dando origem às obras *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890). Tornou-se diplomata em 1895, servindo na Espanha, Japão, Inglaterra, Itália e, por fim, Argentina. Passou a viver com a argentina D. Pastora Luquez e os enteados Pastor e Zulema. Foi nomeado cônsul de primeira classe em 1910. Faleceu em Buenos Aires em 21 de janeiro de 1913; seis anos depois seu corpo foi trazido para o Brasil e foi sepultado em São Luís. Foi o primeiro a preencher a cadeira número 4 da Academia Brasileira de Letras.

Referência: Academia Brasileira de Letras. **Aluísio de Azevedo: Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=101&sid=106>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2013.

ANTON TCHEKHOV

Anton Pavlovitch Tchekhov nasceu em 29 de janeiro de 1860, em Taganrog, na Rússia. Neto de servo e filho de quitandeiro, foi criado em um ambiente humilde. Sua educação foi severa e conservadora, focada nos preceitos religiosos - entre os sete e os dezesseis anos, ele e os irmãos foram obrigados a cantar no coro da igreja. Essa fervorosa religiosidade transmitida pelos pais não se manteve em sua idade adulta, embora não tenha se tornado ateu. Na apresentação fornecida por Fernando Sabino em uma das edições de *O Monge Negro* (1985), ele aponta que Anton Tchekhov, apesar de todo o seu cientificismo, deixou elementos em sua obra que permitem encará-lo, no mínimo, como um agnóstico. Quanto à obra de Tchekhov, alguns de seus contos são permeados de elementos autobiográficos de sua infância, como em *A Estepe* (1888), *O Estudante* (1894) e *O Bispo* (1902). No texto *The Overthrow of Authority in Chekhov's "My Life"* (1990), de Andrew R. Durkin (Hokkaido University), é explorada a visão de Tchekhov sobre a Rússia provinciana e também os traços autobiográficos presentes na obra *Minha Vida* (2011), por meio da figura opressora do pai de Missail Póloznev refletida na figura do pai de Tchekhov – que, apesar de ter abominado a educação severa recebida na infância, admirava o talento artístico do pai (que foi herdado por todos os filhos). Costumava dizer “nosso talento é da parte do pai, enquanto a alma é da parte materna”. Começou seus estudos em uma escola grega, visto que a população grega em sua cidade era numerosa, mas depois foi transferido para uma escola secundária de educação clássica. Aos 19 anos, devido às dificuldades financeiras da família, mudou-se para Moscou. Após estar matriculado na faculdade de medicina, iniciou sua carreira de escritor, compondo anedotas e textos para desenhos e caricaturas para jornais humorísticos, sob o pseudônimo Antosha Chekhonte. Com esse nome, foi publicada sua primeira seleção de histórias, em 1884, a qual acabou fazendo sucesso. O talento de Tchekhov foi primeiramente reconhecido pelo escritor Dmitry Grigorovich, amigo de Turgueniev e Dostoiévski, que apresentou o jovem escritor a grandes jornalistas, editores e escritores. A partir de então, a produção literária de Tchekhov se intensificou, sendo suas melhores histórias escritas entre 1889 e 1898. Após se formar em medicina, houve sua primeira manifestação de tuberculose; algum tempo depois, a doença o obrigou a buscar um local de clima mais ameno, levando-o a viver no campo, próximo a Moscou. Sua vida também foi marcada por períodos alternados de depressão e intensa agitação. A profissão de médico executou por pouco tempo, quando exerceu a função de clínico geral, mas dedicou-se de verdade à carreira como escritor. Apesar disso, nos seis anos em que viveu na vila de Mélikhovo com a família, trabalhou atendendo

camponeses como médico, além de construir uma escola. Passou seus últimos anos de vida em Yalta, local em que construiu uma vila. Em 17 de janeiro de 1904, foi assistir em Moscou à estréia de sua peça *O jardim das cerejeiras*, a qual foi aclamada pelo público. Em abril do mesmo ano, viajou com a mulher para Badenweiler, na Floresta Negra, local no qual faleceu em 14 de julho.

Referência: TCHEKHOV, Anton. Apresentação de Fernando Sabino. In: _____. **O Monge Negro**. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Editora Rocco, p. 5-12, 1985.